

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**O SER QUE SOBRA APESAR DE TANTO APERTO: AS LIMITAÇÕES DA
HETERONORMATIVIDADE NAS VIVÊNCIAS DAS MULHERES**

Bárbara Maia

Belo Horizonte

2016

BÁRBARA MAIA

**O SER QUE SOBRA APESAR DE TANTO APERTO: AS LIMITAÇÕES DA
HETERONORMATIVIDADE NAS VIVÊNCIAS DAS MULHERES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Minas Gerais como requisito
parcial para a obtenção do título de Especialista em Gênero
e Diversidade na Escola

Área de Concentração: Gênero e Diversidade na Escola

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Érica R. de Souza.

Tutora: Sara Deolinda Cardoso Pimenta

Belo Horizonte

2016

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de dedicar este trabalho e agradecer à minha mãe, mais uma mulher edificada pelos moldes cruéis da heteronormatividade, que tenta, e por vezes consegue, nos calar e nos concebe contraditórias, mas não mata em nós o amor e a vontade de transcender. Percebo hoje que em mim ela depositou seu desejo de ir além, e que por mais que não entenda plenamente meus motivos e “desvios”, aprendeu a confiar e me deu a mão e o suporte que precisei, muitas vezes. Com muito amor escrevi cada uma dessas linhas pensando nela. Que nossos vãos, mesmo que distantes, nos levem mais leves e felizes.

Gostaria de agradecer às minhas amigas artistas queridas Deh Mussulini e Maíra Pimenta, que tanto me empoderaram durante este processo de escrita, que coincidiu com um importante momento de criação artística feminista em que nos engajamos. Tantas conversas e desabafos. Palavras que muitas vezes não sabíamos de onde vinham nem pra onde iam, nem porque saiam. E havia o abraço e os corações quentes, de quem também não entende, mas se reconhece, que caminha com medo no escuro, mas ao lado, sem saber aonde vai dar, mas prossegue. Mulheres, sua coragem e amor serão para sempre uma inspiração. Que a vida nos una muitas vezes mais.

Às minhas lindas alunas e colegas professoras e da equipe pedagógica da Escola Municipal da Vila Pinho eu também agradeço. Num contexto extremamente machista e opressor, enfrentamos paradigmas e construímos possibilidades, erguemos a nossa voz, muitas vezes na pancada e no deboche e com a alegria de quem se reconhece cúmplice. Minhas lindas meninas, tão testadas por uma vida de privações sociais e que ainda encontravam motivação para suportar uma escola que questionava e repreendia seus corpos e posturas. Espero que germine a semente que plantamos juntas e que reconheçamos para sempre a nossa força quando dela precisarmos. E precisaremos sempre. Às minhas queridas colegas, cujas vozes se intensificavam em cada reunião, minha eterna gratidão e carinho. Nós podemos sim e juntas somos mais fortes. Agradeço especialmente à Ana Leôncio e Thaís Teixeira, que com sua amizade e delicadeza me ajudaram imensamente nos estudos e escrita deste trabalho e nos dias difíceis em que as questões de gênero em nossa escola se tornavam pesadas e angustiantes foram presenças ativas e encorajadoras. Agradeço também à Adiná Araújo e Érica Deolinda pela forte e inspiradora postura.

À minha amiga, irmã, alma gêmea Angie Mendonça, cuja presença em minha vida se fez marcante e indispensável. Parceira forte em momentos de intensa tristeza e alegria, a dor

se faz bonita e a felicidade incomensurável ao seu lado. Que nossa cumplicidade e a verdade de nossa convivência nos direcionem para onde nossos desejos mais sinceros apontarem. Reconhecendo-nos mulheres que almejam escrever suas próprias linhas, nossos dias têm sido profundos e sem fim.

À todxs xs amigxs que instigaram e provocaram infinitas discussões sobre gênero, e que me ajudaram a forçar as barreiras do meu entendimento e fortalecer argumentos, mesmo que de maneira atropelada, por vezes. Agradeço a paciência, carinho e generosidade. E aviso que estamos só começando!

Em memória do meu ex-companheiro, Lederson Nascimento, que me revirou o mais que pôde com sua vida e morte. Há muito de nós nesse trabalho, há muito do bem e do mal que ele me fez. Agora ele descansa e eu o guardo, sem entender ao certo ainda tudo o que passou.

RESUMO

Esta monografia reflete sobre as marcas da heteronormatividade compulsória na vivência das mulheres, utilizando para fins ilustrativos a análise de personagens, obras e histórias de vida de artistas de diversas linguagens e contextos sociais. Podemos concluir que essas marcas e o rompimento com as opressões que elas causam variam de acordo com o contexto e a vivência de cada mulher, e que a criação artística e divulgação dos limites e superação deles é de grande valia para os processos de empoderamento feminino.

Palavras-chave: Heteronormatividade compulsória; arte feminista; empoderamento feminino

ABSTRACT

This monograph reflects about the issues of compulsory heteronormativity in woman's livings, using for illustration some analysis of characters, art works and life histories of female artistes from diferents art languages e social contexts. We can conclude that the issues and the disruption with the oppretions that they cause vary according to the context and the living of each woman, and that the artistic creation and disclosure of the limits and their overcoming becomes a great help for the process of woman empowerment.

Key-words: Compulsory heteronormativity; feminist art; woman's empowerment

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
1. O SER QUE SOBRA APESAR DE TANTO APERTO	8
2. “JAMAIS LIA SEU POEMA ATÉ O FIM” OU “INOFENSIVOS TRAÇOS DE GIZ” A REAÇÃO DE MULHERES DIVERSAS ÀS SUAS OPRESSÕES	12
3. PECADO DE SER.....	18
4. EU SOU UM MONSTRO	24
5. AI COMO EU TO BANDIDA II – A HEROÍNA.....	37
CONCLUSÃO - A MULHER DO FIM DO MUNDO	43
REFERÊNCIAS	47

APRESENTAÇÃO

Minha motivação para a realização deste trabalho partiu do incômodo que se experimenta diariamente enquanto ser que vivencia limitações causadas por opressões. Minha busca pelo curso de “Gênero e Diversidade na Escola” se deu por entender a necessidade de se tratar em sala de aula dos aspectos de gênero, para que possamos com consciência e cuidado formar cidadãs/cidadãos que se disponham a interagir com o mundo de forma ativa e que se proponham a ressignificar nossas existências de maneira humana e justa.

Enquanto artista e feminista percebi que a arte me ajudou, junto do repertório teórico a que tive acesso antes e principalmente no decorrer do curso, a reconhecer as contradições que trazemos por fazermos parte de uma sociedade heteronormativa e tentar transformá-la. Nenhum/nenhuma de nós está livre de reproduzir opressões e muito custa para quem as sofre identificá-las. Mudar o ângulo de visualização de uma opressão nos ajuda a entender e a arte tem o poder de mostrar e transformar. Muitas vezes, também devido ao grande silenciamento que nos é imposto, pude identificar opressões que sofria ao ler e ouvir mulheres compartilhando suas reflexões acerca das opressões de gênero. E isso aconteceu com cada uma das obras analisadas neste trabalho. Ler, ver e ouvir essas mulheres me alertou para a gravidade do que era abdicar de meu tempo e energia em função de uma expectativa gerada por uma sociedade que nos quer servis.

Pretendo neste trabalho mostrar a eficácia que as metáforas têm em desvendar as estruturas de poder e criar vínculos de identificação entre mulheres, colaborando para seu empoderamento. No lugar de artista criadora, vivenciei a força edificante de encontrar a minha voz para questionar o sistema hegemônico heteronormativo. Pude perceber o quanto é importante seqüestrar este lugar de fala que nos é roubado, e como esse exercício fortaleceu e fortalece a mim e a outras mulheres. Em sala de aula, enquanto professora de arte que incentivava a criação, reparei que as meninas podiam, através das metáforas musicais, visuais e cênicas que criavam, sentir e pensar suas vivências, questionar as estruturas de poder, criar e intensificar laços com outras meninas e saírem do lugar de passividade em que são colocadas.

Espero que a análise da potência dos discursos das mulheres aqui presentes seja uma contribuição para que mais mulheres possam identificar as marcas da heteronormatividade em suas vidas e se sintam encorajadas a reivindicarem suas falas, para quebrarmos com os ciclos de opressão a que somos submetidas.

1. O SER QUE SOBRA APESAR DE TANTO APERTO

Emocionava-me sempre no contexto escolar. Diante dos meus olhos se passavam muitas das adequações a que somos submetidxs nos processos de socialização. Marcou-me intensamente uma visita ao clube. Na comunidade carente em que trabalhava, a oportunidade de um passeio como esse era ansiosamente aguardada. Todxs muito animadxs na bela manhã - que sorte! - de sol. Chegamos ao destino e fomos nos trocar. Em segundos, a maioria dos meninos atiraram suas mochilas dentro do vestiário, enquanto retiravam apressadamente os calções que traziam por baixo suas sungas, e correram para a piscina, para aproveitar ao máximo o seu dia. Com as meninas o processo não foi o mesmo. Vergonha para tirar a roupa. A barriga. A bunda. A “falta” de bunda. O cabelo. Todas entre 11 e 13 anos de idade. E o sol lá fora. Saem de mãos dadas, muitas com shorts ou toalhas escondendo seus corpos. Mas algumas mentiras não sobrevivem ao apelo acolhedor do sol e os corpos delas iam se soltando e se libertando, até que a água e as risadas diluíssem aquele incômodo culturalmente forjado. Mas algumas ainda quase que completamente vestidas. E o sol?

Meninas abusadas pelos irmãos, pelos pais, pelos padrastos, pelos namorados. Meninas que iam para escola mas suas mentes ali não estavam, preocupadas com os filhos, maculadas pelos abusos. Meninas que sumiam da escola para cuidar de suas famílias. Meninas que fugiam da comunidade para sobreviverem a ameaças de namorados abusadores. E os ciclos de opressão se perpetuando.

A experiência de ser aquilo que classificam como mulher, traz ao corpo um estado de alerta constante. Nós, designadas como mulheres, seres resultantes de uma heteronormatividade compulsória, pertencentes ao pólo menos valorizado do binarismo de gênero, somos treinadas para nos anteciparmos aos fatos. Cada gesto, cada palavra, cada segundo do dia de uma mulher é regulado, disciplinado. Desde o primeiro instante em que nosso gênero é identificado/determinado, somos treinadas para agradar e servir. Vivemos vigiadas, e as normas que a sociedade nos impõe fazem parte de uma performatividade pertencente a uma biopolítica que ata nossos membros e cala nossas palavras, nos impede de sermos livres, torna nossa liberdade muito difícil de ser alcançada ou até mesmo de ser idealizada. Muitas de nós, dependendo do seu grau de rompimento ou envolvimento com as normas vigentes, já se questionaram sobre seu direito de ser feliz, sobre sua autonomia, sobre sua sanidade. Quantas de nós, até mesmo aquelas engajadas nas causas feministas, já viveram ou ainda vivem relacionamentos abusivos não nos enxergando enquanto exploradas, e acreditando que toda a opressão seria fruto de cuidado e amor, e que questionar isso seria

loucura? Quantas vezes nos fizeram e nos fazem acreditar que não merecemos ser nós mesmas, que não podemos fazer o que quisermos? Porque muitas meninas/mulheres não se permitem, por exemplo, usar pouca roupa num dia de sol? Os papéis inventados pelo binarismo de gênero com o objetivo de explorarem nossos corpos e nossa força nos fazem reduzir nossa crença em nós e em nossa capacidade, invisibilizam nossas possibilidades e nos tornam presas fáceis daqueles que nos desejam dominar. Como identificar e romper com essa estrutura perniciososa que nos faz reféns de sentimentos e vontades tão danosos e que nós mesmas reproduzimos?

Adrienne Rich no artigo “Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica”, escreve que a heterossexualidade compulsória, através de várias ações, manipulações e privações de nossas mentes e corpos nos afastam de nossas potencialidades:

“ (...) o fato de que nós não estamos confrontando apenas a manutenção simples da desigualdade e da posse de propriedade, mas também um feixe difuso de forças que abarcam desde a brutalidade física até o controle da consciência, o que sugere que uma enorme contraforça potencial vem sendo restringida.”(RICH, 1980, p.25)

Como identificar, desafiar e transformar uma lógica tão frágil e ao mesmo tempo tão estruturante das nossas experiências todas? Minhas vivências com a arte e na militância feminista me mostraram que a comunicação da arte feminista aos meus sentidos, muitas vezes, foi muito eficiente para me ajudar a apreender os conceitos que estudava. A arte tem o poder de comunicar ao corpo de maneira sensível, completando ou complementando a perspectiva de identificação e rompimento das opressões. Augusto Boal em seu livro *A estética do Oprimido* escreve que as metáforas são transsubstanciações, que suas imagens levam além dos sentidos usuais que atribuímos às palavras, aos sons e às imagens (BOAL, 2009). Escreve ainda sobre as palavras:

Palavras são símbolos. Para que um símbolo exista, é necessária a concordância dos interlocutores. Como quase tudo na vida social, também as palavras se tornam objeto de encarniçadas lutas. A etimologia mostra a correlação de forças da sociedade no momento em que fabricou a palavra a fim de revelar – ou esconder – uma verdade. A semântica torna-se um campo de batalha em que todas as forças em conflito procuram, a cada palavra, atribuir-lhe o sentido que mais lhes convenha. A luta semântica é luta pelo poder. (BOAL, 2009, p. 69, 70)

Boal também escreve que nossos sentidos são seletivos, que nossos olhos e ouvidos apreendem ou ignoram o que lhes convém, de acordo com o contexto em que nos encontramos: o que nos convém é uma construção social/cultural (BOAL, 2009). Esta idéia dialoga diretamente com as teorias de gênero no sentido de que o binarismo nos conforma a ideais hegemônicos de papéis de gênero, que nos dão determinadas opções e nos privam de

outras tantas, principalmente no caso daqueles indivíduos denominados enquanto mulheres. Para sermos aceitas devemos nos adequar e reproduzir discursos e ações pertinentes a nossa performatividade de gênero (BUTLER, 2003). Então, artistas, transformando as palavras, as formas, as cores, as luzes, os sons, nos fazem entender a partir dos sentidos e nos fazem experimentar novas significações. Metaforizando, criando novas representações que questionam a realidade, a arte nos leva para além dela e nos faz experimentar possibilidades de ressignificação e transformação. Lembro-me do impacto que foi escutar cada uma das músicas que utilizo como diálogo com as imagens literárias que ilustram minha análise das marcas limitadoras da heteronormatividade nas vivências das mulheres. Estas imagens mexeram profundamente com minhas emoções e a partir de uma identificação e projeção das minhas próprias angústias me fizeram entender que aquelas limitações não eram somente minhas, mas pertencentes a uma estrutura que impossibilita mulheres de viverem plenamente suas vidas.

As imagens literárias a serem utilizadas para análise estão presentes nos livros *O quarto de Jacob* da escritora Virgínia Woolf e *Minha vida* da filósofa e psicóloga Lou Andreas Salomé. Para dialogar com as imagens anteriormente descritas, utilizo também músicas contemporâneas de mulheres que atingem diversas camadas sociais e pertencem a nichos culturais diversos, pois assim acredito poder ajudar a ampliar a percepção acerca dos níveis de identificação e rompimento das opressões. Opto por utilizar diversas obras, que comunicam diferentemente a diversos contextos por concordar com Augusto Boal quando ele escreve que “A fruição da obra e a sua compreensão dependem do conhecimento e das prévias experiências de vida de cada observador” (BOAL, 2009, p. 84). É interessante perceber os diferentes modos de comunicação e posturas das diversas mulheres que reivindicam seus espaços e suas vozes. A pluralidade pauta a expressão feminista atual. As letras de música, o clipe e autoras utilizadas são: *Pecado de Ser*, da compositora e interprete Deh Mussulini, *Eu sou um monstro* da compositora e interprete Karina Buhr, *Ai como eu to bandida II*, da compositora e interprete Mc Mayara e *Mulher do Fim do Mundo* da interprete Elza Soares. Utilizo ainda exemplos de limitação e superação presentes na biografia da escultora Camille Claudel.

Como base teórica para análise das marcas da heteronormatividade e suas possibilidades de rompimento nas imagens literárias e musicais escolhidas, pretendo utilizar as obras *O Segundo Sexo* da filósofa Simone de Beauvoir, *Problemas de Gênero* e *Deshacer el Gênero*, *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do Sexo* de Judith Butler, os artigos *Corpos*, *Heteronormatividade e Performances Híbridas* de Ricardo Pimentel Mello,

Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica de Adrienne Rich, *O Pensamento Hétero* de Monique Wittig, *Gênero e homossexualidade no romance: The Well of Loneliness*, de Radclyffe Hall de Érica Renata de Souza, e *Desconstrução e Subversão: Judith Butler* de Elvira Burgos Díaz. Utilizarei Augusto Boal e sua obra *A Estética do Oprimido* para refletir sobre o papel da arte na resignificação das imagens, sons e palavras que são usadas para justificar opressões e o ensaio *Um Teto Todo Seu* de Virgínia Woolf para reflexões acerca dos impedimentos de acesso das mulheres a uma plena expressão literária.

Para melhor compreensão das análises que se seguem, explicarei alguns conceitos que permeiam os estudos de gênero e que utilizarei neste trabalho. São conceitos que se cruzam e complementam. O primeiro deles é a heteronormatividade compulsória. Por heteronormatividade compulsória, entende-se que são normas reiteradamente reforçadas durante nossas vidas e que nos fazem acreditar, por meio de sua repetição e da invisibilização e marginalização das outras possibilidades, de que a heterossexualidade seria algo inato, natural, normal. Então, em uma sociedade heteronormativa, existe a crença de que as genitálias dos indivíduos determinem seu comportamento e que a orientação sexual desses indivíduos seja naturalmente direcionada para a potencial reprodução da espécie, e tudo o que for diferente disso seria desvio. Por este motivo, desde que se identifica aquilo que seria o sexo de uma criança, atribui-se a ela, segundo a lógica do binarismo de gênero, toda uma performatividade que tende a se construir através da constante imposição de padrões de comportamento que serão atribuídos a um dos gêneros que lhe foi designado ao nascer. Então, binarismo de gênero, outro conceito a ser utilizado, são as duas possibilidades de vivência de um ser dentro da lógica heteronormativa. Ou seja, só se poderia ser masculino ou feminino, e cada um desses pólos traz consigo uma gama estreita de comportamentos aceitáveis, que são chamados de performatividade de gênero. A performatividade de gênero seria uma série de comportamentos, posturas e ações que se esperam e se permitem para cada um dos gêneros: delicadeza e servidão para as mulheres, que devem gerar e cuidar dos filhos e força e liderança para os homens, por exemplo.

2. “JAMAIS LIA SEU POEMA ATÉ O FIM” OU “INOFENSIVOS TRAÇOS DE GIZ”: A REAÇÃO DE MULHERES DIVERSAS ÀS SUAS OPRESSÕES

Para ilustrar os danos da heteronormatividade em nossos corpos, nossas formas de ver o mundo e vivenciar experiências, escolhi primeiramente uma personagem do livro *O quarto de Jacob*, da autora inglesa Virgínia Woolf. A imagem a ser utilizada para esta análise conta sobre o que faz a personagem Sra. Jarvis quando está triste. Essa senhora que é a esposa do um clérigo inglês, vive as décadas iniciais do século XX, que carrega consigo as reverberações do século XIX, no qual os papéis femininos e masculinos foram mais diferenciados, mais marcados (FRAISSE, 1991). A Sra. Jarvis vai passear no pântano quando está infeliz. Lá, ela sobe até certa ravina, apesar de ter o desejo de subir até um cume mais alto. Chegando até onde o seu medo permite, tira debaixo do vestido um livrinho de poesia que ali estava escondido e lê, olhando em torno. Afetada pelo efeito que lhe provoca a natureza, pensa em sua vida, sem entender ou conseguir identificar o motivo de sua angústia. Considera-se infeliz, mas não muito (WOOLF, 1922). Naquele momento, integrada a natureza tem desejo de transcender (BEAUVOIR, 1949), o que a faz, por um segundo, reconsiderar sua fé e seu papel de esposa. Finalmente volta para casa, para a vida que lhe foi designada: “(...) ela não perdia a fé, não abandonava o marido, jamais lia o seu poema até o fim, e continuava a passear pelo pântano. (...)” (WOOLF, 1922, p. 42).

Enquanto uma mulher que tem uma posição social a zelar, a Sra. Jarvis não ousa romper a norma. De acordo com Beauvoir:

No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens. Eles bem o sabem, elas mal duvidam. Recusar ser o Outro, recusar a cumplicidade com o homem seria para elas renunciar a todas as vantagens que a aliança com a casta superior pode conferir-lhes. O homem suserano protegerá materialmente a mulher vassala e se encarregará de lhe justificar a existência: com o risco econômico, ela esquivava o risco metafísico de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílios. Efetivamente, ao lado da pretensão de todo indivíduo de se afirmar como sujeito, que é uma pretensão ética, há também a tentação de fugir de sua liberdade e de constituir-se em coisa. É um caminho nefasto porque passivo, alienado, perdido, e então esse indivíduo é presa de vontades estranhas, cortado de sua transcendência, frustrado de todo valor. Mas é um caminho fácil: evitam-se com ele a angústia e a tensão da existência autenticamente assumida. (BEAUVOIR, 1949, p. 16)

A senhora Jarvis, possivelmente para não perturbar os demais com sua tristeza, se permite certa liberdade ao andar pelo pântano e subir uma ravina, mas sem jamais chegar ao cume que deseja, e sem jamais ler o seu poema até o fim (WOOLF, 1922). Podemos interpretar as metáforas do cume que jamais é alcançado e do poema que não é inteiramente lido como a da própria existência, que não é vivida em sua plena potência.

O interessante de um sistema que se baseia em uma idealização de um comportamento aceitável ou não que enquadraria pessoas diversas, é que no momento em que se vivência o oposto do que ele propõe, ele é colocado em cheque (BUTLER, 1990). Mas é um grande problema mostrar a fragilidade de algo que se pretende tão definitivo e mantém confortáveis quem detém o poder e determina as regras do jogo. Quem não segue as normas deve ser isolado, ridicularizado, marginalizado. Ou seja, mesmo que se consiga identificar os problemas e as fragilidades desse sistema e se intente romper com as normas, encontrará grandíssimos desafios e impedimentos.

Em sua música *Ducontra*, em que homenageia Virgínia Woolf, o artista Lira canta lindas imagens sobre o livro *O quarto de Jacob*, e em determinado momento pergunta: “Qual segredo se pode guardar?” (LIRA, 2011). Descrevendo em poucas linhas as ações da Sra. Jarvis, Woolf escancara seus segredos e sua condição de servilismo a que as mulheres eram submetidas então, e que continuam até os dias atuais. O fato de sequer questionar a infelicidade à qual era submetida através de sua condição feminina se explica quando entendemos que a heterossexualidade e suas conseqüências são tidas como naturais e inevitáveis conseqüências de um corpo inserido em uma estrutura social que o determina por sua biologia. Em “Corpos, heteronormatividade e Performances Híbridas” Ricardo Pimentel Mélo escreve sobre a condição da heteronormatividade, que é tida como o “modelo de normalidade” (MELLO, 2012):

Criados os corpos inertemente sexuados, ou seja, corpos tatuados pela natureza que nos ditam como devemos habitá-los, sendo a tatuagem principal a que se encontra nas genitálias, temos conseqüências importantes: se existem diferenças e o corpo feminino é perfeito à maternagem (portanto ao privado) e o masculino é perfeito à guerra (portanto ao público), os corpos só devem se unir também de modo perfeitamente normal: um homem com uma mulher. (MELLO, 2012, p. 3)

Em seu artigo “Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica”, Adrienne Rich nos explica que a heterossexualidade é compulsória, e que o poder que os homens exercem sobre as mulheres reforçam a idéia de que esta se trata de algo natural. Através de diversas maneiras de exercer poder sobre as mulheres, cria-se o imaginário de que: “[...] o casamento e a orientação sexual voltada aos homens são vistos como inevitáveis componentes de suas vidas – mesmo se opressivos e não satisfatórios.” (RICH, 1980, p. 26). Por esta razão, a Sra. Jarvis e muitas mulheres se submeteram e ainda se submetem a uma existência de privações e de violência simbólica e física. Essas mulheres aprenderam que só podem ser felizes ao lado de um homem, e que cada um deles têm seus caprichos e necessidades, os

quais elas têm o dever de realizar e suprir, caso contrário não serão verdadeiras mulheres cumpridoras de seu papel, e possivelmente serão vistas como desviantes e abjetas por isso.

Pensando sobre quais as possibilidades de rompimento das limitações da heteronormatividade a partir de experiências empoderadoras, utilizarei para análise uma carta escrita pela pensadora Lou Andreas Salomé, a um preceptor seu. Esta carta está presente em sua autobiografia. Nela, Lou responde a uma negativa do seu preceptor em lhe auxiliar com uma questão que lhe angustiava. Ela estava sendo impedida pela família de viajar pelo mundo em companhia do escritor Paul Rée e do filósofo Friedrich Nietzsche. Elxs desejavam entrar em contato com diversas culturas e dividir sua morada em cada lugar que passassem. Nessa casa teriam quartos separados, ligados por um cômodo que guardaria livros e flores. Ali pretendiam ler, escrever, conversar entre si e reunir amigos – o que de fato veio a acontecer, mesmo depois de muitas chantagens e ameaças da família e até mesmo de amigxs de Lou.

Em sua carta ela rebate os julgamentos do seu preceptor quanto a sua capacidade de realizar sua “fantasia” (SALOMÉ, 1985, p.55), como ele se refere, e que com sua atitude ela pioraria as “coisas”. Entende-se que “as coisas” a serem pioradas seriam o aborrecimento da família e amigxs com relação à liberdade que Lou ousava constantemente reivindicar. Ela rebate dizendo sobre a genuinidade de seu desejo de ser quem é, e sua falta de vontade em seguir modelos. Cria desta forma o seu discurso, confrontando o discurso normatizador onde uma mulher não teria escolha, a não ser dentro de uma gama muito reduzida de opções, e se empodera a partir da força e construção deste novo discurso, quando transforma toda a limitação que recebe como um problema que será facilmente superado:

Não posso viver obedecendo a modelos, nem jamais poderia representar, para quem quer que seja, um modelo. Mas é inteiramente certo que construirei minha vida segundo aquilo que sou, aconteça o que acontecer. Fazendo isso não defendo nenhum princípio, mas sim alguma coisa bem mais maravilhosa, alguma coisa que está em nós, que arde no fogo da vida, que exulta e quer brotar. Certo, o senhor também escreve que jamais me viu abraçar objetivos puramente intelectuais senão como mera “transição”, mas o que o senhor chama de “transição”? Se existem pela frente outros objetivos que nos obrigam a renunciar ao que há de mais magnífico e de mais difícil de obter na face da Terra, ou seja, a liberdade, então quero permanecer sempre em estado de transição, pois não a sacrificarei. Certamente não se pode ser mais feliz do que agora sou, e a boa velha guerra que vai, sem dúvida, eclodir, não me assusta absolutamente, ao contrário: que ela rebente! Veremos, contudo, que a maior parte dos chamados obstáculos “insuperáveis” erigidos no mundo, não se revelará se não como inofensivos traços de giz! (SALOMÉ, 1985, p. 55,56)

O modelo que Lou Salomé recusa a seguir é o de ideal de performatividade feminina (BUTLER, 1990) construído então. É a parte do binarismo que lhe cabe dentro da heteronormatividade. Sua família e seus/suas amigxs não lhes causariam qualquer problema se ela viajasse pelo mundo, como desejava, estando sob a tutela de um homem que se

responsabilizasse legalmente por ela. Por isso Paul Rée chegou, a oferecer-se para casar com Salomé. Inclusive, grande parte dos homens que passaram por sua vida e tiveram importante troca intelectual com ela se ofereceram para desposá-la. Dentro de seus discursos e significações, não caberia uma mulher autônoma em pensamento e ações, que não devesse ser orientada por um homem. Mesmo Paul Rée, com quem de fato empreendeu sua aventura, teve dificuldades para conceber tamanha resignificação. E, como bem ilustrou Lou com a lindíssima imagem sobre os obstáculos, eles de fato se mostraram para ela como inofensivos traços de giz, a começar pela facilidade de como expunha a fragilidade dessa normatização (BUTLER, 1990) cruel a partir do seu discurso e suas ações.

Lou Salomé nasceu nobre, na Rússia, em 1861. Na posição privilegiada em que estava, teve acesso a melhor educação disponível. Viajou muito, conviveu intimamente com artistas, filósofos, e pensadores diversos. pôde, com tal vivência e recursos, se conceber livre, com a segurança e a força necessárias para romper as amarras do patriarcado, sem enfrentar grandes limitações, e se afirmar enquanto protagonista da sua própria história.

Enquanto Lou Salomé provou que os obstáculos que a impediam de ser livre não passavam de marcas de giz, Camille Claudel e um número incalculável de outras mulheres encontraram em sua vida obstáculos reais, que as levaram a ter sua genialidade desprezada e sua voz calada. Talentosíssima escultora, ela trouxe para a escultura uma maior naturalidade das formas (SILVA, 2014), redefinindo, inclusive, a representação dos corpos femininos e masculinos, mas a sua condição de mulher não permitiu que ela chegasse onde o seu talento a levaria se não estivesse do lado negativo dos pólos do binarismo pautado na heteronormatividade.

Por ser tão (ou mais) talentosa quanto Rodin e por ser sua amante, sua má fama (má fama que não atingiu Rodin) aliada ao seu talento que incomodava enormemente os homens, lhe impediu, em vida, o sucesso enquanto artista. O fato de ser espantosamente talentosa para o que se esperava de uma mulher, fez com que a crítica duvidasse da autoria de suas obras, suspeitando que fossem executadas por Rodin, quando o que acontecia era o oposto. Sempre em busca de autonomia em seu estilo, encontra em grande parte do público, na crítica e inclusive em Rodin, a tentativa de identificar em suas obras um eco daquilo que o mestre fazia.

Rodin acaba rompendo com Camille, que lhe exigia que abandonasse a esposa e assumissem publicamente seu longo romance. Ela fica bastante abalada com o rompimento. Rodin ainda descredibiliza publicamente o trabalho de Camille, se sentindo ameaçado pela autenticidade e força do trabalho dela, indignado com o fato de que uma mulher tão menos

experiente executasse com tamanha primazia e paixão suas obras. Amedrontada e machucada, desprezada pela sociedade enquanto mulher e artista, Camille entra em estado de paranóia e acaba sendo internada pelo irmão, que também é uma figura que parece sentir-se bastante ameaçado pela autonomia e talento dela (MICHAUD, 1990). Ela permanece internada por 30 anos, até a sua morte.

Camille Claudel e a Sra. Jarvis pagaram um alto preço por terem se concebido enquanto mulheres. Lou Salomé conseguiu romper com toda a opressão, tendo vivido na situação de privilégio em que se encontrava, apesar de encontrar resistência por onde passou. Essas mulheres têm em comum o fato de serem brancas e heterossexuais, e todas as mazelas pelas quais passaram não podem ser comparadas a situação de violência e invisibilidade pelas quais passam as mulheres negras, as mulheres homossexuais e as mulheres transgênero. Por se tratarem de feminismos específicos e distantes da minha vivência, eles não serão tratados neste trabalho senão superficialmente, por falta de tempo hábil para desenvolvê-los com o devido respeito e profundidade, e por ter a consciência de que o lugar dessas falas deva ser respeitado e preservado para aquelas que devem ocupar esses espaços.

Podemos ainda encontrar discursos sobre as limitações trazidas pela heteronormatividade e também a convocação para sua superação delas em obras de autoras contemporâneas. Num contexto onde a crescente atuação e divulgação do feminismo nos torna mais conscientes das opressões, mais e mais autoras têm abordado o tema principalmente com a finalidade de empoderamento de todas as mulheres, a partir da reivindicação dos discursos, lugares de fala e explicitação das opressões sofridas e como elas ainda nos privam de uma vivência de plena escolha. Reivindicar a fala e os discursos, significar com nossas palavras, a partir de nossas experiências, pluralizar discursos, somente assim, em consonância com o pensamento de Judith Butler com relação aos novos lugares de performatividade é que quebraremos as barreiras do gênero, que construirão um novo espaço, não pautado pela opressão.

O título dos capítulos seguintes faz referência às obras contemporâneas que dialogam com as principais obras analisadas. Por estarem inseridas no contexto das pessoas para as quais escrevo, principalmente no contexto das mulheres para as quais escrevo, imagino que o diálogo com essas obras deva possibilitar maior entendimento sobre as questões da opressão causada pela heteronormatividade compulsória e a subversão dela, assim como se tornaram elucidativas para mim. A arte comunica aos sentidos, ao corpo. Ouvir, entender e sentir uma mulher se apropriar de signos que nos oprimem para se libertar, demonstrando com suas posturas e vivências as nossas possibilidades é empoderador.

3. PECADO DE SER

O pecado de ser
 O pecar da vontade
 A vontade de ser
 O pecar do pecado
 Sufocar o desejo
 Conter no palato
 Sufocar no palato o desejo contido
 A palavra que tiras com a língua entre os dentes
 É a mesma palavra que trai e mente
 A palavra que empregas pra ser um conforto
 É a mesma palavra que cospe em meu rosto
 Grita essa frase que é pra ecoar
 Grita a mudança que a libertação se aproxima escondida
 Pros olhos não ver
 Que aí o coração não sente
 (MUSSULINI, 2015)

As músicas e o clipe que se seguem estão em anexo. Sugiro a audição delas e a visualização do clipe, para que o corpo de quem lê possa entender sentindo, que é a forma mais bonita de olhar para o mundo e aprender com as coisas. Apreendendo. A interpretação de Deh Mussulini traz a dimensão da verdade impactante que é o momento em que uma mulher entende que pode ser e querer fazer escolhas sem servir à lógica de quem quer explorar nossos corpos e nossas mentes. Mas ainda tem medo.

Quando comecei a me interessar pelas questões de gênero não imaginava o quanto minha vida mudaria. Considerava-me uma mulher livre, que lutava, e de fato o fazia, com todas as forças para fazer aquilo que eu entendia ser o meu próprio desejo. Muito do que quis e fiz foram buscas autônomas, que obviamente refletem influências sociais e culturais, mas que me lançavam para campos onde estar não me trazia privações que eu não escolhera e que poderia conscientemente administrar, afinal, qualquer escolha traz consigo suas perdas. Outras refletiam mais um desejo externo heteronormativo, um pensamento cultural hegemônico internalizado ao longo da minha vivência, que me faziam reproduzir desejos que quase me pareciam genuínos e necessários à minha sobrevivência, não fosse pelo mal estar

que me causavam suas violentas privações. Que tipo de sobrevivência me trouxe aquela reprodução? Uma vida de desejos ancorados em medos e amanhãs. Desejos feitos de depois, que não me satisfaziam no único lugar que resta a todos nós: o momento presente. Hoje, quando olho para os seis anos que me separam da minha primeira leitura das teorias feministas, me surpreendo com a enormidade e beleza dos desenganos descortinados, das desconstruções de desejos forjados, e aguardo ansiosa pela queda das próximas mentiras que vamos todas revelar, que nos contaram com a intenção de nos explorar e que enganada eu me contei de volta. É um processo assustador e bonito, e que traz a consciência e a responsabilidade de buscar ser alguém que não sirva a interesses de quem deseja explorar mentes e corpos, para isso nos moldando estáticas no tempo e nas definições, ou nos privando de significações. Buscar ser o que será, porque quer, só, vir a ser. Ser o que quiser. Dói e liberta. “Mas quem não sangra nessa vida?” (LIRA, 2015)

Quando Virgínia Woolf leu a primeira crítica de seu livro *O quarto de Jacob*, registrou em seu diário: “Acho que [*O quarto*] de *Jacob* foi para mim um passo decisivo para trabalhar em liberdade”. Tendo lançado seus dois primeiros romances pela editora de seu meio irmão, Virgínia tinha agora sua própria editora e a liberdade de escrever da maneira que sua inspiração e trabalho requisitassem. (WOOLF, 1922, p. 5)

A Sra. Jarvis, personagem utilizada para análise dos danos causados pela heteronormatividade em nossa existência, tem curtíssimas aparições no livro. Woolf toma a liberdade de introduzir personagens que surgem e somem, colorem as cenas com suas dores e delícias e partem para nunca mais. São como uma fígada brusca de realidade que ajuda a delinear o panorama da sociedade que retrata. Um lugar no espaço e no tempo onde muitas mulheres, como no espaço/tempo atuais, jamais podiam (podem) ler seus poemas até o fim (WOOLF, 1922). Até quando?

Virgínia Woolf problematizou durante toda sua existência o lugar da mulher na sociedade. Como de todas as mulheres, sua própria existência foi resistência, não só por resistir em existir dentro do espaço que lhe cabia enquanto mulher, como cada uma de nós, mas por buscar ampliar esse espaço, por criar sua autonomia para viver e escrever da forma como queria, e lutar junto de outras mulheres para que assim elas também o fizessem, como no caso em que defendeu a escritora Radclyffe Hall, quando teve seu livro com teor “sáfico” proibido pelas autoridades inglesas (SOUZA, 2001). Consciente de sua busca por um discurso próprio, em seu diário registra a sensação de ter escrito *O Quarto de Jacob*, a recepção de seu companheiro e sócio, Leonard Woolf, e sua expectativa acerca da recepção de sua obra pelo público: “Não tenho quaisquer dúvidas de que descobri como começar (aos

quarenta) a dizer qualquer coisa com minha própria voz; e isto me interessa tanto que sou capaz de seguir em frente sem louvores” (WOOLF, 1922, p.11).

Em seu ensaio *Um Teto Todo Seu* Virgínia discorre sobre as dificuldades de inserção das mulheres na literatura. Diz sobre como a presença masculina e o papel que a mulher exercia então, com muitos pontos ainda recorrentes, eram nocivos às tentativas de escrita femininas. Narra com a acidez divertida que lhe é peculiar, sem deixar claro o que é real ou ficção, objetivando assim demonstrar o absurdo lugar em que somos colocadas, como ela própria teve dificuldades em escrever tal ensaio, pois teve a todo o momento de sua pesquisa interrupções de autoridades masculinas que lhe barravam o acesso às bibliotecas de uso exclusivo masculino, ou mesmo o acesso ao gramado da universidade em que ficava a biblioteca. E as ideias que surgiam se esvaíam a cada interrupção do fluxo de pensamentos. Problematisa sobre o ambiente da escrita feminina, o lugar do privado, onde a função feminina, muito bem delimitada pela servidão, impedia as mulheres de terem um fluxo de escrita, tendo inclusive que escrever escondidas e sendo interrompidas a cada tarefa que um familiar lhe requisitava. Por isso defende que, primeiramente, a mulher que desejasse escrever, teria que buscar um espaço próprio, “um teto todo seu” (WOOLF, 1928) e também sua autonomia financeira para que não precisassem recorrer a atividades que exaurissem sua força e sua criatividade, como já havia acontecido com ela.

Essas ideias e a forma como Woolf desenha as ações das personagens femininas, dialogam perfeitamente com as ideias de Rich, quando esta diz sobre as formas de cerceamento da mulher na sociedade heteronormativa. Dois dos pontos que analisa acerca do poder dos homens sobre as mulheres são abordados por Virgínia em seu ensaio, um deles é o controle dos movimentos da mulher através de sua confinamento ao ambiente privado imposta pelo casamento, o outro ponto seria o comando e a exploração do trabalho delas nesse e em outros ambientes, com a finalidade de controlar sua produção (RICH, 1980). Woolf escreve ainda sobre a dificuldade de encontrar obras de escritoras para análise, e a surpresa em encontrar muitos escritores homens falando sobre mulheres, mas nenhuma escritora falando sobre sua condição.

A música que introduz este capítulo foi composta e é interpretada por minha amiga Deh Mussulini. *Pecado de ser* diz do desejo de ser o que se quer e entender o peso disso. A relação que faço dessa música com a personagem de Woolf, Sra Jarvis, é o fato de que, como Deh Mussulini, a Sra. Jarvis sente, embora não entenda, o pecado que é desejar ser outra coisa, senão aquela que foi designada enquanto mulher. Ela se sente infeliz e corre em busca do contato com a natureza. Ali, quase confunde Deus com o universo (WOOLF, 1922).

Entende o risco daquele contato, mas volta sempre que se desespera, numa busca cega e cheia de culpa por sua libertação. Perdas no emaranhado de não significações em que se configuram suas angústias causadas por seu lugar no mundo enquanto mulheres (BUTLER, 2003), Virgínia Woolf descreve o desespero da Sra. Jarvis que não encontra explicações no repertório discursivo a que tem acesso. Deh Mussulini nos diz das palavras que oprimem, que jogam com nossos sentimentos. Palavras usadas para nos conter, travestidas de cuidado e amor. E das palavras que contemos, que nos significam livres, mas que nos ensinaram que estão distantes e inacessíveis e que são perigosas. Mussulini, uma mulher contemporânea, nascida num contexto onde a cultura patriarcal tem grande força, o Estado de Minas Gerais e suas tradicionais famílias, consegue romper o ciclo de opressões e divide conosco o momento da identificação de suas privações. Rich escreve: “Tanto a coerção como a compulsão estão entre as condições nas quais as mulheres têm aprendido a reconhecer sua própria força.” (RICH, 1980, p.21)

Butler (2003) escreve:

Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio imaginável do gênero. (BUTLER, 2003, p. 28)

Apesar do tempo que separa Deh Mussulini da personagem de Virgínia Woolf, as palavras ainda faltam para essa mulher, que representa tantas outras que identificam e sentem o desconforto das suas opressões, mas ainda lhes faltam coragem para rompê-las, pois estão enfraquecidas por elas (RICH, 1980). O discurso hegemônico descrito por Butler segue criando os limites das experiências vivenciadas pelas mulheres, apesar de não nos tirar o desejo de ser mais do que as definições ou a falta delas nos possibilitam, segundo o gênero que nos foi atribuído. Entende-se o gênero como “um modelo cultural construído a partir de relações historicamente construídas” (MELO, 2012), e a função desses corpos biologicamente determinados criada em meio à relações de poder, está diretamente relacionada com a performatividade que se espera de cada gênero, atendendo às demandas do sistema patriarcal.

Segundo Melo em “Corpos, Heteronormatividade e Performances Híbridas”, os corpos são classificados enquanto matérias binariamente sexuadas e inertes, tendo performances naturalizadas seguindo uma lógica extremamente limitadora criada por uma

biopolítica que pretende nos adequar enquanto seres que tem funções sociais a cumprir, de acordo com sua materialidade biológica. Como se as performatividades de gênero a que somos obrigados a nos adequar fossem a prova de nossa biologia, e esta também fosse inerte. Sendo essa binária e estática, todo ser, “naturalmente”, deveria se adequar a ela, caso contrário, seria relegado ao reino da abjeção (MELLO, 2012). Mas a freqüente não adequação e insatisfação, principalmente daqueles seres mais invisibilizados pelo binarismo de gênero é só mais uma prova da paradoxal fragilidade e letalidade desse discurso hegemônico historicamente construído para nos limitar e nos fazer servir aos seus objetivos.

Carregando a angústia que lhe traz o seu papel feminino, a Sra. Jarvis se isola quando seu desespero se intensifica, e diferente de Deh, não conseguiria, na época em que viveu, entender o poder que a linguagem estruturada nas dinâmicas da heteronormatividade compulsória tem na manutenção dessa angústia que ela atribui ao contato com a natureza. Não tem ferramentas a sua disposição para entender o fato de que vive em um contexto que a ensinou que seu valor está somente na servidão. Não consegue entender a violência que é preciso se esconder para se dedicar a uma atividade que lhe traz prazer, violência tão grande e internalizada que traz culpa, e ela não tem tranquilidade suficiente para executá-la até o fim. Sua vida se torna servidão e uma sucessão de desejos frustrados, e por não ter dimensão da privação que sofre, por ter sido vítima extrema de uma heteronormatividade que ensina mulheres a buscarem seu valor na passividade, ainda se considera uma mulher de sorte por não ser muito infeliz, ou desesperada, a ponto de abandonar seu marido, e arruinar a vida de um homem tão bom (WOOLF, 1922).

A mulher é construída ao longo da história como um ser passivo, é relegada ao espaço privado, das poucas experiências, onde a passividade e a não voz se fizeram realidade. No século XIX, a separação dos gêneros se intensifica (FRAISSE, 1990). Ao mesmo tempo, a nova relação que se estabelece com novas ideias de um devir e da liberdade da espécie humana (FRAISSE, 1990) abre precedentes para uma ressignificação deste espaço de passividade atribuído ao feminino, e na transição do século XIX para o século XX, as mulheres vislumbram e experimentam cada vez mais romper as barreiras que lhe são impostas.

Barry afirma, em citação feita por Rich (1980) no texto “Heterossexualidade compulsória”, que:

O único modo que nós podemos deixar de nos esconder, de romper as nossas defesas paralisadas, é saber tudo – tudo sobre a ampla extensão da violência sexual e da dominação das mulheres [...]. Ao *sabermos*, ao nos defrontarmos diretamente, poderemos aprender a mapear nosso caminho além da opressão, ao visionar e ao

criar um mundo que evitará a escravidão sexual [...]. Até nomearmos sua prática, darmos sua definição conceitual e sua forma, ilustrarmos sua existência ao longo do tempo e do espaço, aquelas que são suas mais óbvias vítimas não serão capazes de nomeá-la ou de definir sua experiência. (RICH, 1980, p. 31)

Segundo Rich, a ideologia do romance heterossexual unida ao entendimento de que existe uma pulsão incontrollável e inerente ao sexo masculino, permeia toda a vivência das mulheres, desde a infância, tornando-as presas fáceis daqueles que tentarão dominá-las ao longo da vida. Contos de fada, a propaganda, o cinema, a TV, o espetáculo e a romantização dos casamentos, a ausência de exemplos de rompimento com essa norma e ainda a ridicularização e anulação das mulheres que o fazem, junto da importância incontestável que se dá a pulsão da sexualidade masculina, torna todas as mulheres, em maior ou menor grau, vítimas de uma escravização sexual, inclusive, no casamento (RICH, 1980). Seguindo a reflexão da citação acima, somente entendendo, divulgando, conversando sobre as formas de opressão que violentam as mulheres é que poderemos romper com essas opressões, que são introjetadas em nossas vivências como algo natural e por esse motivo não nos dão a possibilidade de nos identificar enquanto oprimidas, nos fazendo cúmplices de nossos opressores.

Ainda existem muitas mulheres que, como a Sra. Jarvis sequer consideram ler até o fim o poema de suas vidas. Muitas, desde sempre, conseguiram, por motivos diversos, romper com suas opressões e amenizar os danos da heteronormatividade em suas vivências. Algumas de nós, tendo acesso a ferramentas para identificar a enormidade das privações a que nos submete a heteronormatividade, compartilham suas experiências com a finalidade de alertar e empoderar outras mulheres. Assim, Deh Mussulini nos mostra como ainda falta, para muitas de nós, em diversos momentos, a coragem ou a possibilidade de dispor das palavras que vão nos libertar. E como diz Boal, que, apesar de nossos sentidos serem seletivos, temos xs artistas para perturbá-los. E é o que Deh Mussulini faz quando “grita a mudança que a libertação se aproxima escondida pros olhos não ver” (MUSSULINI, 2015). Ela nos diz da dificuldade de vislumbrar nossas possibilidades, porque nos calam e nos mentem (MUSSULINI, 2015), mas a libertação se aproxima, mesmo que escondida para nossos e todos os olhos que muitas vezes se recusam a ver o que se passa. “O artista mostra o escondido, não o óbvio, e nos faz entender através dos sentidos – torna consciente o que está em nós impregnado. No tempo, surpreende o instante; no espaço, o invisível.” (BOAL, 2009, p. 57).

4. EU SOU UM MONSTRO

Mulher, tua apatia te mata
 Não queira de graça
 O que nem você dá pra você,
 mulher

Hoje eu não quero falar de beleza
 Ouvir você me chamar de princesa
 Eu sou um monstro

Mulher, tua apatia te mata
 Não queira de graça
 O que nem você dá pra você,
 Mulher
 Tua apatia te mata
 O que você vai fazer?
 Vai dizer, o que vai acontecer com você
 (BUHR, 2015)

Após alguns dias sem tempo e inspiração, decidi ir à praia pensar e tentar escrever um pouco. Não poderia dizer que o destino seria irônico ao me trazer a experiência que me seguiria, pois tenho a consciência de que o que aconteceu é fruto de uma sociedade hegemonicamente heteronormativa e eu estava ali infringindo suas regras. Mas o que se passou foi bem parecido com uma experiência vivida e narrada por Vigínia Woolf, no já citado *Um teto todo seu* e exaustivamente narrada por inúmerxs teóricxs de gênero. Depois de um tempo observando o mar, com o pensamento em um bom fluxo, as ideias surgiam e comecei a escrever. Entre um cigarro, um gole de água, os olhos revezavam entre a bonita paisagem e o papel que se enchia de palavras. No meio do fluxo percebo um homem com o celular virado em minha direção, aparentemente tirando uma foto. E a idéia que vinha me fugia. “Me empresta o isqueiro?”. E enquanto eu tentava estabelecer meu espaço com minhas expressões, obviamente o sujeito, reproduzindo a lógica do patriarcado de que eu estaria ali a seu dispor, continuou tentando fazer com que eu servisse ao seu desejo de dialogar, ignorando minhas expressões que demonstravam minha necessidade de ficar só. Ele se afastou depois de

certo tempo. As ideias voltaram, escrevi e por vezes percebia que o sujeito me observava. Andava ao redor como quem demarcasse território e esperasse somente o que ele devia imaginar ser uma brecha. Deitei a caneta e ele voltou. Isqueiro novamente. Mais perguntas respondidas secamente, minhas idéias indo embora e o sujeito não. Resolvi ir, antes que todas elas se fossem. Por mais que acreditasse e acredito ser injusto eu ter que sair de algum lugar porque alguém não pode respeitar meu desejo e necessidade de estar sozinha, naquele momento optei pelo que seria menos danoso para mim: sair de perto dele logo, antes que todas as ideias me abandonassem. Levantei e ele sorriu, satisfeito “Desculpa te incomodar”. “Não desculpo”, pensei, mas não disse. Dei um sorriso irônico e fui molhando os pés na água para outra praia, enquanto as ideias voltavam. Eu não desculpo e deveria dizer, para que ele ao menos desconfiasse que não tem o direito de invadir assim meu espaço, mesmo que ele ficasse com raiva e me chamasse de egoísta – sim, quando respondi a um assédio na rua já me chamaram de folgada, quando recusei a conversar com um homem numa mesa de uma lanchonete ele quase jogou uma cadeira em minha cabeça, porque o espaço é deles e eu sou sim um demônio, como bem disse o senhor que empunhava a cadeira em minha direção, por não aceitar dar o meu tempo e o meu corpo para o prazer deles, que são donos de tudo. Logo percebi que ele acabou me ajudando em parte do que precisava escrever.

Eu havia lido e me identificado e identificado em minha vida reverberações das reflexões feitas por Virgínia Woolf em seu ensaio e o que várixs teóricxs de gênero já problematizaram, que quase todo espaço e tempo das mulheres são delimitados por normas e ações masculinas, que nos dizem com palavras e gestos, que nos coagem, que nos empurram e limitam aos lugares onde eles acham que precisamos estar (RICH, 1980). E como concluiu Virgínia, em lugar algum uma mulher até aqueles dias, teria seu espaço respeitado e sossego o suficiente para escrever. Pela milésima vez eu me senti assim, Virgínia. Até os dias de hoje...

O pensamento hegemônico heteronormativo privilegia a vontade do homem. O desejo dele está acima de todas as coisas, inclusive da vontade da mulher, que deve estar sempre pronta à servi-lo, caso contrário ela é uma desviante e será tratada como tal. Será merecedora de escárnio, vingança, punição. Seu exemplo insufla a rebeldia de outras mulheres. A vivência de uma mulher livre é a prova da fragilidade da heteronormatividade, por isso é importante nomear e marcar as desviantes, criando com as outras mulheres uma relação de distanciamento de mulheres que subvertem a ordem e a aproximação com aqueles que as oprimem e que são o pólo mais valorizado do binarismo pautado pela heteronormatividade. As relações com homens passam a ser mais valorizadas. (RICH, 1980)

Pude identificar e sofrer essas limitações, como muitas outras mulheres, ao longo de toda a minha vida. Na minha vivência, o primeiro homem que me limitou espaço e tempo foi meu pai, que com a frase celebre “enquanto você viver debaixo do meu teto vai fazer o que eu quiser”, controlava, entre outras coisas, inclusive o meu horário de dormir, levantando da cama diversas vezes durante a noite e me impedindo de continuar o bom fluxo de leitura de um livro, ou escrita de um trabalho. A mesma coisa aconteceu quando fui morar junto de um ex companheiro. No início ele chegou a solicitar que eu dormisse logo, quando fazia um trabalho de madrugada, apesar dele próprio passar muitas madrugadas escrevendo. Protestei e isso não mais aconteceu. Mas ele jamais conseguiu perceber ou respeitar meu espaço quando eu lia ou escrevia, entrando nos cômodos que eu ocupava e despejando sua fala e necessidade de atenção, interrompendo e atrapalhando meu fluxo de ideias e trabalho.

Em seu artigo “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica” Rich dialoga com o estudo de Barry acerca a escravização sexual das mulheres. Segundo ela, as mulheres somente são prescindíveis aos homens se estas lhes satisfizerem sexual e emocionalmente. Para isso são estabelecidos padrões universais de liberdade básica para mulheres, que as submete à violência específica, restrições de movimento e ao direito ao acesso masculino, seja sexual ou emocional (RICH, 1980). A mulher que desvia desses padrões é rechaçada, como podemos verificar, por exemplo, na história de Camile Claudel.

Camille Claudel foi uma mulher escultora. Seu pai e seu irmão, apesar do incômodo que demonstravam com suas aventuras noturnas em busca da argila que necessitava para seus projetos, a princípio, se orgulhavam de seu talento e do seu trabalho. Sua mãe, uma mulher relegada ao trabalho doméstico e ao ambiente privado, via em Camille uma transgressora que com sua liberdade, explicitava diariamente a fragilidade da mentira a que ela tinha sucumbido, a mentira de que o papel da mulher era o da fragilidade e da servidão, por isso ela via em Camille uma inimiga que tentava combater e fragilizar, assim como ela fora fragilizada (SILVA, 2014).

Ao se envolver emocional e profissionalmente com Rodin, este exauriu a força dela em prol das escolhas dele. Durante anos fez com que ela se afastasse de seus projetos pessoais e se engajasse em trabalhos dele, sem que ela tivesse tempo de trabalhar sua autonomia e estilos próprios (MICHAUD, 1990). Cansada de se prestar a reproduzir o que o “mestre” desejava, cansada de ter que esconder o seu romance e ansiosa por desenvolver o seu trabalho, ela rompe com os laços que a sufocavam e se afasta de Rodin.

Ao buscar sua autonomia, agora sozinha, ela enfrenta toda a fúria de uma sociedade que não admite os desvios daqueles que não se adéquam a suas mentiras. Desacreditada pelos

admiradores de arte, seu trabalho foi classificado como uma cópia do trabalho de Rodin. Este, por sua vez, desafiado e superado pelo talento de Claudel que independia de sua tutela, descredibiliza seu trabalho, que vai além de sua orientação e expectativas.

Karina Buhr é uma multi-artista; é cantora, compositora, performer, artista plástica. Com suas composições diversas ela leva imagem, sons e palavras para além do lugar comum, como descreve Boal em *A estética do oprimido* sobre o poder das metáforas. Sendo uma mulher consciente das limitações que o gênero que lhe foi designado impõe, Karina carrega a arte da transgressão que deseja trazer para a vida. Como canta em sua música *Selvática* (BUHR, 2015) presente em seu álbum homônimo, “Selváticas”, “[...] elas não necessitam seu elogio / Ela transgride sua orientação” (BUHR, 2015). Através de sua música, desenhos, pinturas e performances, além da participação em diversos movimentos de empoderamento feminino, ela transgride orientações. É importante mencionar o trabalho que tem a artista tem publicado nos últimos anos no dia Internacional da Mulher, a revista feminista *Sexo Ágil*, encontrada facilmente na internet. Vale a apreciação.

Na música *Eu sou um monstro*, também presente no álbum *Selvática*, Buhr canta sobre o quanto a apatia das mulheres impossibilita a realização dos nossos próprios desejos e que é necessário “[...] dizer o que vai acontecer” (BUHR, 2015) conosco. Karina aponta assim a necessidade de reivindicar nossas vozes e lugares, mas reconhece que, saindo do lugar que nos foi designado, nos tornamos monstros.

Reportando a Witting, Judith Butler afirma que existe um esforço em restringir a produção de identidades àquelas em conformidade com o eixo heterossexual e que para isso se usa a “ficção lingüística do sexo” (BUTLER, 1990). Butler em diálogo com Luce Irigaray, argumenta que, sendo o sexo feminino o irrepresentável, múltiplo, a partir de uma economia falocêntrica, este “propicia um ponto de partida para a crítica das representações ocidentais hegemônicas e da metafísica da substância que estrutura a própria noção de sujeito” (BUTLER, 1990, p. 29). Karina Buhr se apropria do nome que se dá para aquelas que não se podem representar fora de um imaginário falocêntrico, e assume para si o título de monstro, já que rejeita o lugar da passividade que nos foi designado.

Como ela, Lou Andreas Salomé não temia a função de ressignificar sua vida e o que a sociedade acreditava ser seu papel. Durante toda a vida, no lugar privilegiado em que se encontrava, pertencendo a aristocracia Russa e por isso detendo a tranquilidade e recursos para romper com suas opressões, ela pode fazer escolhas de acordo com seus mais sinceros desejos. Viajou por diversos países, na companhia de amigxs diversxs. Casou-se com um homem com o qual estabeleceu um contrato nada usual para um casamento, principalmente

naquele contexto: ela poderia se ausentar de seu lar quando bem entendesse e por quanto tempo desejasse e eles não teriam relações sexuais. Fica subentendido em sua autobiografia que ela empreendeu, durante este período, romances com diversos outros homens, como por exemplo o poeta Rainer Maria Rilke. Essas relações que instituiu com seus amigos foram, somente em parte, cerceadas por seu marido, causando nela o desejo de romper com seu casamento quando isso acontecia. Uma situação que demonstra o ridículo da necessidade da afirmação masculina de exercer poder sobre as mulheres se dá no episódio do rompimento de relações entre ela e Paul Rée. Ao anunciar para o amigo o casamento, a pedido de seu marido, ela precisou ocultar a informação sobre a condição que ela impôs para se casar: a não conjugação carnal. Paul Rée, preocupado com o fato de que a amiga poderia se afastar dele ao se tornar muito íntima desse outro homem com o qual ele acreditava que ela teria relações sexuais, se afasta dela. Ele se afasta por receio de que ela se afastasse. O orgulho masculino seria pateticamente engraçado, se não nos causasse tantas privações.

Ao conhecer o autor e filósofo Paul Rée, com quem se lançava em animadas conversas pelas madrugadas nas ruas de Roma, ela sonhou em empreender com ele um projeto que estenderia aquelas conversas a um ambiente agradável, onde receberiam amigxs para uma “ora alegre, ora séria” (SALOMÉ, 1985, p. 54) troca intelectual. Ela sabia desde sempre que encontraria problemas, e descreve em sua autobiografia que seu projeto era um “verdadeiro insulto aos costumes sociais vigentes à época” (SALOMÉ, 1985, p. 54). Diante dos crescentes empecilhos que se apresentavam em forma de repúdio de amigxs e de sua família – seus irmãos foram todos convocados por sua mãe e saíram da Rússia para arrastá-la viva ou morta para casa (SALOMÉ, 1985), ela escreve em sua biografia:

Com surpresa, compreendi então até que ponto um ideal de liberdade pode entrar a liberdade individual, pois, para servir sua causa, o indivíduo se esforça com maior cuidado em evitar qualquer mal entendido, toda a “falsa aparência”, e acaba submetendo-se, ao julgamento de outrem. (SALOMÉ, 1985, p. 54)

Ela escreve a seguir sobre o pedido de ajuda que fez a um preceptor seu, em carta, para que auxiliasse nessa questão que tanto lhe angustiava. Seu pedido de ajuda recebeu como resposta o julgamento de um homem que não considerou as possibilidades daquela pessoa, enxergando somente seu aspecto feminino e as limitações que este lhe traria. Reproduzo abaixo a resposta completa de Lou Salomé ao seu preceptor, e que servirá para análise do rompimento que esta mulher, em pleno século XIX, conseguiu realizar.

Já li sua carta seguramente umas cinco vezes, mas continuo ainda sem entendê-la. Que diabo fiz de errado? Eu pensava que o senhor tivesse senão elogios para mim. Estou, pois, em condições de provar que aprendi muito bem as lições que o senhor

me ensinou. Primeiramente, não estou me entregando, em absoluto a uma fantasia, pois ela se realizará junto a pessoas que parecem até escolhidas pelo senhor, de tanto que esbanjam inteligência e discernimento. Mas eis que o senhor, ao contrário, afirma que esse idéia é a mais fantasiosa que eu jamais tive, e querer efetivamente convertê-la em realidade contribuirá apenas para piorar as coisas; enfim, que não sou capaz de julgar acertadamente os homens superiores e bem mais velhos que eu, como Rée, Nietzsche e outros. Mas aí é que o senhor se engana. O essencial (e para mim, o essencial, no plano humano, é apenas Rée) conhece-se de imediato, ou não se conhece nunca. Rée ainda não está totalmente convencido, está ainda um pouco perplexo, mas em nossos passeios noturnos, entre meia noite e duas horas, sob o luar romano, voltando das reuniões de Malwida v. Meysenbug, faço-me entender com eficácia cada vez maior. Malwida também é contra nosso projeto, o que lamento muito, pois gosto demais dela. Mas para mim já está claro há muito tempo que nós, no fundo, sempre pensamos de modo diferente, mesmo naquilo que aparentemente concordamos. Ela costuma dizer que “nós” não podemos fazer isso ou aquilo, ou “nós” devemos realizar isso ou aquilo; contudo não faço a menor idéia do que realmente seja esse “nós” – algum partido qualquer, ideal ou filosófico, provavelmente – mas, quanto a mim, conheço apenas o “eu”. Não posso viver obedecendo a modelos, nem jamais poderia representar, para quem quer que seja, um modelo. Mas é inteiramente certo que construirei minha vida segundo aquilo que sou, aconteça o que acontecer. Fazendo isso não defendo nenhum princípio, mas sim alguma coisa bem mais maravilhosa, alguma coisa que está em nós, que arde no fogo da vida, que exulta e quer brotar. Certo, o senhor também escreve que jamais me viu abraçar objetivos puramente intelectuais senão como mera “transição”, mas o que o senhor chama de “transição”? Se existem pela frente outros objetivos que nos obrigam a renunciar ao que há de mais magnífico e de mais difícil de se obter na face da Terra, ou seja, a liberdade, então quero permanecer sempre em estado de transição, pois não a sacrificarei. Certamente não se pode ser mais feliz do que agora sou, e a boa velha guerra que vai, sem dúvida, eclodir, não me assusta absolutamente, ao contrário: que ela rebente! Veremos, contudo, que a maior parte dos chamados obstáculos “insuperáveis” erigidos no mundo, não se revelará se não como inofensivos traços de giz!

O que talvez poderia assustar-me é que o senhor não tivesse boa vontade para comigo. O senhor escreve, desgostoso, que seus conselhos não podem mais me ajudar contra isso. “Conselhos”, não! O que preciso do senhor é infinitamente mais que conselhos, é de confiança. Naturalmente não no sentido óbvio, como se entende de costume – mas *uma* confiança que, faça eu o que fizer, persista no âmbito daquilo que nos é comum (veja o senhor, eis aí um “nós” que conheço e aprovo). E no âmbito do que, com toda a certeza, me pertence como cabeça, mãos ou pés, desde que passei a ser aquilo que o senhor me transformou:

Sua menininha. (SALOMÉ, 1985, p.55/56)

É interessante pensar que, como naquele contexto do século XIX, o mesmo que condenou Camille Claudel à internação compulsória e a Sra. Jarvis ao confinamento do lar e às limitações das atividades domésticas, o contexto atual continua repudiando as desviantes. Por este motivo Karina Buhr se autoproclama enquanto monstro por quebrar com as expectativas de uma economia falocêntrica (BUTLER, 2003), que limita as mulheres ao espectro do servilismo sexual e emocional que a heteronormatividade nos impõe (RICH, 1980).

Percebe-se que o julgamento não se dá apenas pelas figuras masculinas, mas também pelas femininas. Como no caso de Camille Claudel que foi repreendida pela mãe, Salomé

encontrou cúmplices femininas entre seus/suas algozes na figura da mãe e da amiga Malwida. Beauvoir escreve no segundo volume do *Segundo Sexo*:

Nas classes superiores, as mulheres fazem-se ardentemente cúmplices de seus senhores porque desejam aproveitar-se dos benefícios que eles lhes asseguram. Vimos que as grandes burguesas, as aristocratas sempre defenderam seus interesses de classe mais obstinadamente ainda do que seus maridos: não hesitam em sacrificar a esses interesses sua autonomia de ser humano; abafam em si todo pensamento, todo juízo crítico, todo impulso espontâneo; repetem como papagaios as opiniões aceitas, confundem-se com o ideal que o código masculino lhes impõe; em seu coração, em seu rosto mesmo, toda sinceridade morre. A dona de casa reencontra uma independência em seu trabalho, no cuidado dos filhos; tira disto uma experiência limitada mas concreta: a que se "serve" não tem mais nenhum domínio sobre o mundo; vive no sonho e na abstração, no vazio. Ela ignora o alcance das idéias que proclama; as palavras que enuncia perderam em sua boca qualquer sentido; o financista, o industrial, até o general, por vezes, assumem fadigas, preocupações, riscos; compram seus privilégios mediante operações injustas, mas pelo menos se expõem; suas mulheres, em troca de tudo o que recebem, não dão nada, não fazem nada; e acreditam com uma fé tanto mais cega em seus direitos imprescritíveis. Sua arrogância vã, sua incapacidade radical, sua ignorância obstinada fazem delas os seres mais inúteis, mais nulos que produziu a espécie humana. (BEAUVOIR, 1949, volume II, p. 392)

Quando Malwida estabelece os limites do que a elas caberia ou não empreender, ela está delimitando o lugar o sujeito feminino (BUTLER, 1999). O mesmo acontece quando o preceptor de Lou demonstra sua preocupação por ela estar “dificultando as coisas” (SALOME, 1985). A materialização do sexo se dá também pela regulação de práticas identificatórias (BUTLER, 1999) e por esse motivo xs amigxs de Lou desejam tão avidamente que ela não fuja ao modelo que acreditam que ela deva obedecer. Afinal, para elxs deveria ser mesmo muito difícil aceitá-la enquanto abjeta, desviante, uma mulher tão admirável.

Lou reconhece que suas escolhas trariam conflitos quando proclama que “a boa e velha guerra vai, sem dúvida, eclodir” (SALOME, 1985), mas, consciente como Karina do seu papel de transgressora, ela assume os riscos “que ela rebente!” (SALOME, 1985). Butler diz sobre a necessidade de “colocar em risco o eu” (DIAZ, 2013) ao refletir que a identidade é transitória e autotransformação nos atravessa durante a vida. É isso o que Karina e Salomé nos pretendem dizer: mesmo que suas posições não lhes coloquem num lugar confortável diante da sociedade, elas se arriscam a construir sua autonomia e reivindicam para si os riscos da liberdade que assumem, sem culpa, e demonstram a fragilidade de um sistema que tenta “materializar corpos” (BUTLER, 1999). Elvira Burgos Diaz escreve em seu artigo *Desconstrução e Subversão: Judith Butler*:

O sujeito emerge dessa situação primária de não-liberdade. Sem dúvida as normas não determinam exaustivamente o sujeito, já que sua ação é performativa, aberta ao fracasso, porém, por outro lado, o sujeito não possui uma liberdade plena e radical que lhe permita ignorar as normas que o resguardam. Daí que condições vitais não

escolhidas sejam motivo de muitos de nossos exercícios de resistência. O empenho por uma autocriação ou autorrealização próprias não pode evitar que enfrentemos com os mecanismos concretos que nos possibilitam ser sujeitos. A capacidade de ação, a liberdade, emana, por mais paradoxal que seja tal situação, de uma primária condição de não-liberdade. (DÍAZ, 2013, p. 460)

Buhr reconhece a danosa apatia feminina, construída e delimitada pela heteronormatividade compulsória, e nos convoca para uma tomada de posição e subversão: “E o que você vai fazer, vai dizer o que vai acontecer com você” (BUHR, 2015), não antes de reconhecer que sim, seremos vistas como monstros. Monstros que destruirão a ordem que nos quer caladas, pacíficas, passivas e exploradas, e que, por esse motivo, esse “título” não deve nos paralisar: devemos dizer o que vai acontecer conosco e romper com o ciclo de opressão. Ela não quer mais falar o discurso que construíram para ela, aquele discurso que perpetua normas, normas que materializam corpos (BUTLER, 1999). Ela utiliza esse discurso e as palavras que ele usa para marcar aqueles que o transgridem e o subverte: se fazer as minhas próprias escolhas me faz parecer um monstro, que seja.

O preceptor de Lou Salomé descredibiliza sua capacidade de discernimento e classifica os planos de Lou enquanto fantasias. Fantasias que ela não só diz que irá realizar como de fato realizou, e outras tantas mais “fantasiosas” depois. A mulher que encantou a todos por onde passou por sua capacidade intelectual e sua paixão pela vida, é questionada por escolher conviver com “homens mais velhos e superiores” (SALOMÉ, 1985) aos quais ela não poderia “julgar acertadamente” (SALOMÉ, 1985). Apesar de causar admiração intelectual e conseqüente desejo de dominação através do matrimônio por parte do seu preceptor – e de cada um dos homens que passou pela vida de Lou, ele julga que ela não teria capacidade de escolher as companhias com as quais empreenderia seu projeto. Obviamente ele não julgava o indivíduo, mas a identidade feminina que foi construída e marcada ao longo dos anos. Lou Salomé termina a carta ironizando o título que seu preceptor lhe dera: sua menininha, dizendo que era nisso que ele pretendia transformá-la. Judith Butler (1999) escreve em *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*:

O "sexo" é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o "sexo" e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas. O fato de que essa reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória. (BUTLER, 1999, p. 2)

Como esclarece Butler na citação acima, os corpos nunca se conformam completamente às normas e com isso acabam por questioná-la. Quando Buhr reivindica para si, sem pesar, o título de monstro, quando Salomé aceita se lançar na guerra que declaram contra ela e ainda diz que os obstáculos que surgirem não serão mais do que traços de giz, elas escancaram a falácia de um discurso que tenta materializar seus corpos e questionam essas leis regulatórias, demonstrando que elas podem e devem ser subvertidas, já que limitam nossas experiências a uma gama de performatividade diretamente ligada à submissão.

Butler escreve ainda que:

O "sexo" é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o "alguém" simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural. (BUTLER, 1999, p. 2)

Butler (1999) diz que o sujeito só se forma através desse conflito de forças que determinam o que é aceitável e o que não é. A Sra. Jarvis e Camille Claudel foram impedidas de serem seres plenos. A Sra. Jarvis não desejava cair no reino da abjeção e “[...] abandonar o marido e arruinar a carreira de um bom homem como por vezes pensava em fazer” (WOOLF, 1922, p.41), mesmo que tivesse a consciência de não estar feliz. Claudel tentou a todo custo buscar sua autonomia, mas aqueles que com ela conviviam e amavam acreditavam que o que ela buscava fazia dela alguém que obviamente não estaria mentalmente estável, já que se afastava daquilo que enxergavam como o comportamento aceitável para uma mulher, decidindo então privá-la de sua liberdade. A transgressão se vale da norma para se manifestar e a norma se vale da transgressão para se afirmar.

Dialogando com as reflexões de Virgínia Woolf sobre a escrita das mulheres em seu livro *Um teto todo seu*, ela afirma que sim, a escrita feminina teria uma característica diferente da masculina, se às mulheres fosse dado a possibilidade de escrever mais frequentemente, se lhes fosse concedida a sua voz. O conceito de heteronormatividade estava longe de ser cunhado, mas ela já entendia que as experiências femininas, por serem diversas, trariam uma outra qualidade de escrita. Como Butler (1999) diz sobre a subversão, não existe forma de ela emergir sem se valer da materialização sexual que conhecemos. Woolf (1928) defende a diferença da escrita feminina, de uma apropriação dessa linguagem que é usada para nos dominar, para que deixemos de ser dominadas, e num movimento que expressa a beleza de um pensamento que se configura livre, ela reflete sobre a insuficiência e a ficção que seria a definição de sexo, reflexão feita por Judith Butler e outros tantos teóricos de gênero nos dias atuais:

Seria mil vezes lastimável se as mulheres escrevessem como os homens, ou vivessem como os homens, ou se parecessem com os homens, pois se dois sexos são bem insuficientes, considerando-se a vastidão e a variedade do mundo, como nos arranjariamos com apenas um? Não deveria a educação revelar e fortalecer as diferenças, e não as similaridades? Pois atribuímos às semelhanças um valor exagerado; se algum explorador voltasse e trouxesse notícias de outros sexos espiando por entre os galhos de outras árvores em outros céus, nada prestaria maior serviço à humanidade; teríamos, de quebra, o imenso prazer de ver o professor X sair apressadamente em busca de sua régua para provar-se "superior". (WOOLF, 1928, p. 109)

Citarei novamente as palavras que Lou Salomé dirige ao seu preceptor, com a finalidade de estabelecer um diálogo entre ela e Ricardo Pimentel Mello, em *Corpos, Heteronormatividade e Performances Híbridas*, cujas palavras citarei na seqüência. Nesse trecho, ela conta ao seu preceptor que, assim como ele, sua amiga Malwida, e outrxs amigxs que com ela conviviam, tinham dificuldades em aceitar sua opção por viajar e companhia de Paul Rée. Ela escreve sobre Malwida:

Ela costuma dizer que “nós” não podemos fazer isso ou aquilo, ou “nós” devemos realizar isso ou aquilo; contudo não faço a menor idéia do que realmente seja esse “nós” – algum partido qualquer, ideal ou filosófico, provavelmente – mas, quanto a mim, conheço apenas o “eu”. Não posso viver obedecendo a modelos, nem jamais poderia representar, para quem quer que seja, um modelo. Mas é inteiramente certo que construirei minha vida segundo aquilo que sou, aconteça o que acontecer. Fazendo isso não defendo nenhum princípio, mas sim alguma coisa bem mais maravilhosa, alguma coisa que está em nós, que arde no fogo da vida, que exulta e quer brotar. (SALOME, 1985, p. 55)

Melo escreve sobre como a identidade é transitória, sobre como somos “múltiplos, contraditórios, incoerentes, enfim, seres incorpóreos ou seres devir” (MELO, 2012, p. 205). No trecho selecionado ele fala sobre nossas singularidades e reflete sobre “nós”, que me parece dialogar perfeitamente com o que diz Lou Salome sobre o pronome “nós”:

Ainda uma palavra sobre os “nós”. Nesse caso também não significando pronome, mas sendo entrelaçamento de fios (forças) que, ao mesmo tempo, podem significar tanto embaraço e dificuldade, quanto colmo de onde nascem novas formas. Nó então entendido como condição de possibilidade para que a vida, ávida, possa fluir unindo o que se pretende permanente e o devir. (MELLO, 2012, p. 205)

Ambos falam sobre as possibilidades do ser, apesar de todas as limitações das definições que materializam o sexo. Judith Butler escreve que a construção do que nomeamos sexo se dá em um processo temporal, onde as normas que o delimitam se dão de forma reiterada. A necessidade da eterna repetição dessas normas para que esse sexo seja materializado, além dos “desvios” que acontecem, apesar da constante reiteração delas, são indícios da instabilidade dessas construções (BUTLER, 1999). E é dessa fissura, e dessa

abertura que Melo e Salomé se apropriam quando questionam os “nós”. De que nós Malwida fala? De um nós feminino localizado no tempo e no espaço, construído pela heteronormatividade compulsória. E Salomé é seu desvio. Salomé “exulta e quer brotar” (SALOMÉ, 1985). Sobre as possibilidades de desconstrução das normas Butler escreve:

Esta instabilidade é a possibilidade desconstitutiva no próprio processo de repetição, o poder que desfaz os próprios efeitos pelos quais o "sexo" é estabilizado, a possibilidade de colocar a consolidação das normas do "sexo" em uma crise potencialmente produtiva. (BUTLER, 1999)

A “vida ávida” a que Melo (2012) se refere e a maravilhosa “chama que arde em nós” descrita por Lou Salomé se materializam em desvios e transgressões, daqueles que se apropriam das normas para subvertê-las. É a vida pulsando, apesar das dificuldades e exclusões que a normatização impõem aos desviantes, elxs escancaram as suas fissuras. Lou Salomé não fala sobre gênero ou sexualidade quando narra um belo episódio de uma de suas muitas viagens pelo mundo, mas podemos fazer um diálogo poético. Ela e um amigo caminhavam descalços nas montanhas de Zurique, num bonito fim de tarde em que conversavam animadamente. De repente eles caem em um declive, sobre um prado de amoras. A noite chegava e eles não conseguiam visualizar a saída dali, e os espinhos machucavam seus pés à medida que tentavam encontrar a saída. Ela narra assim o final da aventura:

Nos minutos que passamos embrenhados na amoreira, ocorreu-me algo assim como uma imagem antiqüíssima – ou uma recordação? – uma impressão de que já tinha passado por aquela experiência de ser arrancada do encanto primitivo e lançada cruelmente na vida. Um momento repentinamente revivido. A imagem tornou a desaparecer, enquanto limpávamos, rindo, a umidade do rosto e também o sangue dos pés, sob as alegres palavras de Sawelli: “Não somente as amoras nos devem desculpas, mas nós também a elas, pois as pisoteamos, ao invés de beijá-las.”. Algo em mim acrescentou, confiante: “Sim. *Todo* o mal do mundo não vem, talvez, exatamente *desse* mal entendido?” O riso e a raiva expulsaram-se reciprocamente, até novas ousadias, até novos destinos de amora. (SALOMÉ, 1985, p. 72)

Enfim, no reino da abjeção delimitado pelas normas, enfrentando todas as dificuldades, todo um campo de amoras, florescem novas possibilidades que questionam as limitações heteronormativas. Para finalizar, sigo com uma provocativa fotografia que mostra Lou Salomé e seus amigos Paul Rée e Nietzsche, com quem de fato empreendeu sua aventura, a primeira de muitas que se seguiram. Nela, Lou está dentro de uma carroça puxada pelos amigos e empunha um chicote. O lugar de servidão é divertidamente invertido nessa foto e as rédeas estão nas mãos dessa mulher corajosa que forçou os limites da heteronormatividade ao se materializar livre para fazer o que tinha vontade. Ela encontrou força e recursos que a possibilitaram fazer essa transgressão e viver plenamente suas vidas. A Sra. Jarvis e Camille

Claudel não tiveram a mesma sorte, assim como muitas outras mulheres que tem suas vidas interrompidas ou privadas pela normatização da heterossexualidade compulsória que cria sujeitos que se vêem no direito de colocar as mulheres no que acreditam ser seus devidos lugares, e cria mulheres que sequer vislumbram suas possibilidades. Por esse motivo é importante divulgar e compartilhar histórias de superação e empoderamento, para que seja acessível a um número cada vez maior de mulheres a possibilidade de visualizarem as suas opressões e com elas romper. É preciso ouvir e dar voz às mulheres, para que possamos contar e reescrever nossas histórias com nossas próprias palavras. Convoco à todas para pisotearmos as nossas amoras e emergirmos mais fortes e plenas depois. Que possamos dizer o que vai acontecer conosco, sempre.

Figura 01: Lou v. Salomé, Paul Rée e Friedrich Nietzsche (1882)



Fonte: “Minha Vida”. Autora: Lou Andreas Salomé, 1985.

5. AI COMO EU TO BANDIDA II – A HEROÍNA

Ai como eu tô bandida
 Ai, ai como eu tô bandida
 Ai como eu tô bandida
 Ai, ai como eu tô bandida
 Tô afim de curtição, hoje o bicho vai pegar
 Já chamei minhas amigas, depois vamos pirocar
 Desliguei o telefone, não quero aporrinhação
 Tô saindo livre e solta, sem ninguém no coração
 Amar por mais um dia, falta de educação
 Não nasci pra compromisso, não quero perturbação
 Eu não sofro por homem, só mais um na minha lista
 Agora tô vacinada, e hoje a noite vai ser pica
 Ai como eu tô bandida
 Ai, ai como eu tô bandida
 Ai como eu tô bandida
 Ai, ai como eu tô bandida

No clipe *Ai como eu to bandida II*, a jovem e aparentemente tímida Mc Mayara, interpreta uma heroína que combate criminosos, enquanto canta o quanto é bandida. E não é qualquer criminoso que combate a Mc. Ela combate homofóbicos, racistas e machistas. Como Karina Buhr (2015) reivindica para si o título de monstro, como Deh Mussilini (2015) se reconhece enquanto uma mulher que peca em ser, Mc Mayara não se intimida em se proclamar orgulhosa e paradoxalmente como uma bandida/heroína que veio para subverter o pensamento hegemônico de superioridade branca e heterossexual. Apesar de se apropriar muito bem de sua proposta, ela parece tímida em sua performance, mas ainda assim requebra incessantemente em seus trajes curtos e apertados, que são vistos como marca de mulheres que desviam do ideal de performatividade feminina, demonstrando, que apesar da timidez, está e deseja ser segura e livre com seu corpo e sua sexualidade. Ela se apropria dos signos de diversas linguagens – palavra, imagens e sons - usados para definir, configurar e marginalizar corpos femininos e os transubstancia, mostrando que o discurso também é um campo em eterna tensão pelas disputas de poder (BOAL, 2009).

É muito interessante notar os signos presentes no vídeo clipe. Existem muitas ressignificações debochadas, que ironizam regras e estereótipos machistas de maneira muito bem humorada. Mc Mayara interpreta no clipe uma heroína que transforma abusadores em diamantes que ela coleciona, e, na companhia de suas assistentes, duas travestis, combate vilãs e vilões machistas, homofóbicos, racistas e recalcadas. A ironia de combater os vilões do pensamento hegemônico heteronormativo e racista enquanto canta o quanto é bandida é muito interessante. Desviando da norma de forma ostensiva e através do escárnio ela reivindica a liberdade para diversos corpos oprimidos. Elvira Burgos diz sobre as possibilidades de desconstrução da norma: “A linguagem é, sem dúvida, um âmbito dinâmico de possibilidades não predetermináveis, sempre à espreita de trazer à presença mundos imaginados, ainda que, momentaneamente, não disponíveis.” (DIAZ, 2013). A mulher que reivindica o discurso sobre o próprio corpo, que antes era significado externamente somente para o prazer masculino e suas amigas travestis, dentro do contexto heteronormativo, relegadas ao lugar da abjeção e excluídas de significação, subvertem então “os limites e as definições das categorias hegemônicas” (DIAZ, 2013).

A opção pela estética das histórias em quadrinhos (HQs) também me parece uma escolha irônica. É de conhecimento geral que os heróis em quadrinhos são quase todos homens. E há ainda a particularidade de que a heroína interpretada por Mayara combate o crime com uma arma muito especial: um feixe de raios vaginais. Inclusive, os closes em sua vagina marcada por shorts de lycra em cores diversas e pelo macacão roxo da heroína também merecem atenção. O corpo exposto da mulher é muito bem aceito quando serve ao prazer masculino (RICH, 1980), em propagandas de carro e cerveja, em conteúdo erótico onde o corpo feminino é desmembrado e objetificado. Usado nesse contexto, o sexo marcado e exposto acompanhado de um discurso de libertação sexual que foge aos padrões de performatividade feminina heteronormativa, zomba do patriarcado através da reivindicação do discurso sobre o próprio corpo e suas possibilidades de significação (BUTLER, 1990).

Num clipe onde ironiza a lógica heteronormativa e rebola exibindo seu sexo e cantando sobre sua liberdade sexual, Mc Mayara reivindica para si o uso do seu corpo e do seu prazer. “Tô saindo livre e solta, sem ninguém no coração” (MAYARA, 2015) é um passo largo em direção à libertação. O ideal do amor romântico ainda é utilizado com muito sucesso para escravizar mulheres numa performatividade que as priva de considerar viver outras possibilidades, além de se fixar ao lado de um homem e muitas vezes ainda abdicar de seus sonhos e desejos em prol dos dele. A “doutrinação prematura das mulheres pelo amor” (RICH, 1980) que levou a Sra Jarvis para um caminho de quase que total infelicidade, que fez

Camile Claudel direcionar sua energia e criatividade às funções que lhe designava seu amante, deixando de realizar seu trabalho autonomamente, ainda nos faz crer que não seríamos felizes ou capazes de viver sozinhas. Faz com que direcionemos nosso tempo, força e vida na realização do que algumas ainda acreditam ser o bem maior que uma mulher pode alcançar: um relacionamento amoroso.

Mc Mayara com seus raios vaginais combate, primeiramente, o super machista, cuja vestimenta nos remete a de um dos ícones da masculinidade da cultura de massa, o Super Homem, e o derrota com seus raios vaginais. Importante frisar a apropriação da linguagem que usualmente é utilizada para enaltecer a supremacia masculina. As expressões “pirocar” e “pica”, que normalmente designam ações e coisas em que se consegue grande êxito, são ressignificadas para dizer daquela noite especial em que a MC, junto das amigas, vai exercer sua liberdade. Diaz diz que os corpos ininteligíveis têm uma potente força criativa, e que a repetição subversiva dos termos, inclusive daqueles ligados à autoridade inscrita no falo, direciona as normas para um espaço mais humanizado (DIAZ, 2013). É interessante observar que essa sexualidade ainda é direcionada aos homens no caso da MC, mas, entendo que por suas assistentes/amigas já estarem rompendo com a lógica do binarismo de gênero, ela inclui outras possibilidades de vivências de gênero e sexualidade, além das normatizadas pela heteronormatividade compulsória.

“Todo espetáculo, em cena ou na vida real, é uma estrutura de poderes que devem ser revelados” (BOAL, 2009, p.166). Boal escreve sobre a espetacularização das sociedades e como elas exibem as relações de poder que se dão entre seus integrantes. Ele explica que:

[...] o uso do espaço, a linguagem do corpo, a escolha das palavras e a modulação das vozes, gestos e movimentos corporais, tudo o que pode ser revelado pelos sentidos denuncia relações de poder. (BOAL, 2009, p. 140)

E conclui dizendo que é função e poder da arte revelar esses potentes rituais de dominação. Rituais esses que incluem a reiteração das normas da heterossexualidade. Quando Mc Mayara se apropria de forma debochada de signos que são usados para nos oprimir, como quando empodera a frágil e dócil branca de neve no clipe “Teoria da Branca de Neve”, e quando brinca com a dualidade heroína e bandida que é atribuído às mulheres que se adéquam ou não às normas heteressexuais que materializam o corpo e as ações femininas, ela reivindica uma nova significação para termos que não nos satisfazem, por nos colocarem no lugar da passividade e sob dominação masculina. “A distância estética permite ver o que, diante de nossos olhos, se esconde”. (BOAL, 2009, p. 120)

O número de pessoas que desaprovam a quase que completa desenvoltura de Mc Mayara é um indicativo de que a sexualidade feminina, quando não está a serviço da sexualidade masculina, ainda incomoda muito. Adrienne Rich diz que uma das formas de poder masculino que reforçam a heterossexualidade compulsória é a negação da sexualidade das mulheres. Se esta não está a serviço da lógica heterossexual do romance e da procriação, ela é negada e rechaçada. Em sua caminhada, nos parece que a Sra. Jarvis insinua, sem ao menos conseguir verbalizar claramente, um pensamento sobre seus anseios sexuais:

Não é preciso dizer que riscos uma esposa de clérigo assumia ao andas sozinha pelo pântano. Baixa, morena, olhos acessos, uma pena de faisão no chapéu, a Sra. Jarvis era exatamente o tipo de mulher capaz de perder a fé de tanto andar pelo pântano (...). (WOOLF, 1922, p. 42).

Lou Salomé passou também por processos de negação e punição por conta de sua sexualidade. O contrato de não conjunção carnal estabelecido com seu marido não recebeu credibilidade dele, fazendo com que ele aceitasse a condição de Lou para que se casassem, estando ainda esperançoso que fosse apenas um “capricho” dela (SALOME, 1985). Num determinado episódio, Lou precisou romper relações com um amigo, a pedido do marido. O amigo havia se apaixonado por ela, e ela não sabia se nutria o mesmo sentimento por ele. Vinte anos após o afastamento, este amigo recusou o recebimento de uma carta sua, demonstrando claramente sua mágoa por ter sido preterido. Apesar de ter desejado que seu companheiro encontrasse uma mulher com a qual se realizasse sexualmente e amorosamente, devido a particularidade de sua relação, o contrário não acontecia, já que seu esposo lhe impôs que ela se afastasse daquele que julgava seu rival, e em outras ocasiões, preferiu não saber o que acontecia com Lou durante suas viagens. Ela relata também que outros amigos apresentavam o mesmo comportamento, se recusando a escutar dela a narrativa de suas aventuras, por ciúmes. Sobre seu marido, ela escreve em sua autobiografia:

Apesar da natureza especial de meu marido, ela não poderia deixar de conter traços característicos da natureza masculina comum, não obstante pudessem ser diversas as circunstâncias em que tais traços se manifestassem. (SALOME, 1985, p. 147-148).

Lou não sabia então que a tal “natureza masculina” não passa de comportamentos regulatórios naturalizados (BULER, 1999) e, talvez por esse motivo, tenha aceitado e se submetido aos caprichos do marido e dos amigos, por julgá-los incapaz de racionalizar as situações de posse a que eles a submetiam. Mas não era pacificamente ou sem incômodos que ela enfrentava essas situações. Em determinado episódio, quando seu amigo que se apaixonara por ela e que fora posteriormente excluído de sua convivência, tentava “ajudá-la”

a resolver o conflito em que se encontravam, ela desabafa: “as emoções e os temores que ele experimentava por minha causa agravavam seu estado até uma imoderação que afligia e torturava, ferindo-me ainda mais, como uma segunda violência” (SALOMÉ, 1985, p. 147). Fica claro aqui outro ponto discutido por Rich, de que a pulsão sexual masculina consiste em um direito quase que inquestionável, e que o acesso emocional e sexual às mulheres são tidos como “naturais e inevitáveis” (RICH, 1980). Como escreve Rich sobre a responsabilização da vítima pela violência que ela sofre, podemos perceber no comportamento de Lou Salomé a auto responsabilização pelo comportamento obsessivo de seu amigo, que tanto a violentava. Pensando que os homens que se afastaram de Lou, ou a privaram de alguma forma de suas livres escolhas estavam exercendo seu poder sobre ela, cito a reflexão de Rich sobre a “perspectiva de dominação sexual” dos homens sobre as mulheres: “A partir de tal ponto de vista, as mulheres são prescindíveis apenas se as necessidades emocionais e sexuais dos homens possam ser satisfeitas” (RICH, 1980, p. 30). Nesse ponto, Sra. Jarvis e Lou Salomé se encontram submetidas às mesmas formas de opressão, já que, em graus diferentes, são reféns das demandas emocionais e sexuais masculinas, mesmo que não tomem conhecimento disso devido à naturalização desses comportamentos. Rich (1980) ao citar Kathleen Barry em seu artigo nos ajuda a entender a amplidão da escravização que os homens exercem sobre nós:

“a escravidão sexual feminina está presente em TODAS as situações onde as mulheres ou as jovens não podem mudar as condições de sua existência, onde, desconsiderando os modos em que chegaram a tais condições, ou seja, pressão social, dificuldades econômicas, confiança equivocada ou em busca de afeição, elas não podem se afastar e quando elas são sujeitas a violência e exploração sexual” (RICH, 1980, p.30)

Em sua música, Mc Mayara se apropria de sua heterossexualidade de uma forma muito diferente da biopolítica a que fomos apresentados, talvez por isso tamanha desaprovação materializada em *dislikes* no youtube, por parte de homens que presenciam cada vez mais freqüentemente mulheres que demonstram livremente sua sexualidade, e de mulheres que foram limitadas durante toda a vida e ainda tem dificuldades em assimilar que seu valor não está vinculado à servidão masculina, que classifica mulheres entre “piriguetes” e “para casar”, e invisibiliza a sexualidade das lésbicas. Com seus potentes raios vaginais que combatem o crime, ela diz da vontade de sair “livre e solta, sem ninguém no coração” (MAYARA, 2015), livre, para curtir a vida ao lado das amigas, sem se preocupar com nada. Nessa música ela demonstra que o ideal da romantização das relações já não está presente no imaginário de muitas jovens, “não nasci pra compromisso, não quero perturbação, não sofro por homem, só mais um na minha lista” (MAYARA, 2015) e que a preferência pelas

amizades e relações com homens já não é unanimidade. Rich escreve sobre a existência lésbica, não reduzida ao desejo de uma experiência genital com outras mulheres, mas sobre a cumplicidade, o “dar e receber de apoio prático e político” (RICH, 1980, p. 36), com a finalidade de resistência diante da heteronormatividade compulsória que nos escraviza em prol da dominação masculina sobre nossos corpos e mentes.

A identificação entre mulheres é uma fonte de energia e de poder feminino potencial, contido e minimizado pela instituição da heterossexualidade. A negação da realidade e da visibilidade da paixão das mulheres por outras mulheres, da escolha das mulheres por outras como suas aliadas, companheiras de vida e de comunidade, ao se obrigar que tais relações sejam dissimuladas e até desintegradas sob intensa pressão tem representado uma perda incalculável do poder de todas as mulheres em mudar as relações sociais entre os sexos e de cada uma de nós se libertar. (RICH, 1980, p. 40)

Mc Mayara acaba com qualquer romantismo que possa prender as mulheres no ideal de relação heterossexual que constrói mulheres servis. Rich escreve sobre como nossos exploradores se utilizam “da ideologia do romance heterossexual, irradiada na jovem desde sua mais tenra infância por meio dos contos de fada, da televisão, do cinema, da propaganda, das canções populares e da pompa dos casamentos” (RICH, 1980, p. 31) para introduzir o ideal das relações heteronormativas no imaginário feminino. Ela escreve ainda que “a doutrinação prematura das mulheres pelo “amor” como emoção pode ser um conceito ocidental, mas uma ideologia mais universal subentende a primazia e o caráter incontrolável da pulsão sexual masculina” (RICH, 1980, p. 31). Através da apropriação da linguagem dos quadrinhos e dos contos de fada em suas músicas e clipes, MC Mayara se apropria da linguagem que é utilizada para nos inculcar a norma heterossexual para subvertê-la. Em *Teoria da Branca de Neve*, outra música de sua autoria, ela utiliza uma história que tradicionalmente coloca uma mulher num lugar de passividade, e que tem sua vida assegurada pela ajuda de vários homens e de um príncipe encantado e a transforma. Na versão de Mayara, ela clama que ninguém se meta em sua vida e liberdade, que agora a história mudou, que os homens devem ficar quietos e não se intrometerem, e que ela aprendeu uma lição que com certeza os enlouquece: “porque ter só um, se eu posso ter sete?” (MAYARA, 2015)

CONCLUSÃO - A MULHER DO FIM DO MUNDO

Meu choro não é nada além de carnaval
É lágrima de samba na ponta dos pés
A multidão avança como um vendaval
Me joga na avenida que eu não sei qual é
Pirata e super homem cantam o calor
Um peixe amarelo beija a minha mão
As assas de um anjo soltas pelo chão
Na chuva de confetes deixo a minha dor
Na avenida deixei lá
A pele preta e a minha voz
Na avenida deixei lá
A minha fama a minha opinião
A minha casa a minha solidão
Joguei do alto do terceiro andar
Quebrei a cara e me livreí do resto dessa vida na avenida
Dura até o fim
Mulher do fim do mundo
Eu sou
Eu vou até o fim
cantar.
Mulher do fim do mundo eu sou
Eu vou até o fim cantar
Cantar
Eu quero cantar até o fim
Eu quero cantar até o fim
Me deixem cantar até o fim
Eu vou cantar até o fim
Eu sou mulher do fim do mundo
Eu vou cantar até o fim.
(FROES, COUTINHO, 2015)

“O fato é que quando se considera um ser que é transcendência e superação não se pode nunca encerrar as contas.” (BEAUVOIR, 1949 p. 54). No novo disco de Elza Soares, composto inteiramente inspirado em sua história de luta e resistência, ela proclama ser a *Mulher do Fim do Mundo*. Mulheres do fim do mundo somos todas nós que resistimos, apesar de todo o aperto a que nos submetem. Muitas de nós não conseguem se livrar dos nós apertados da heteronormatividade. Muitas mulheres ainda não conseguem caminhar com suas próprias pernas e dançam cambaleantes a música que inventaram para elas, mas não deixam de tentar subverter, o pouco que se permitem, toda essa norma tão limitadora.

Toda mulher guarda histórias de resistência. Cada qual carrega dentro de si casas mortas feitas de paredes emboloradas que já não se sustentam. E ao mesmo tempo o bolor dessas paredes constituem a nossa estrutura, nos formam e deformam. Como a Sra Jarvis em sua inquieta caminhada, como Lou Salomé que subvertia a todo tempo as normas, mas ainda acreditava que deveria respeitar determinada “natureza masculina”, como a Deh que representa tantas de nós que, dolorosamente ou não, se reconhecem “pecadoras” diariamente, como o monstro subversivo que é Karina Buhr, como foi Camille Claudel, como somos as bandidas quando reivindicamos para nós nossa satisfação e prazer, como faz Mayara. Somos, por fim, mulheres do fim do mundo, como Elza Soares. Do fim de um mundo que foi escrito por mãos que nos dominam e que tem sido ao longo da história contestado crescentemente pelas palavras e ações de mulheres fortes que tentam reescrever e ser protagonistas de sua própria história.

Elza foi uma mulher marcada pelos danos da heteronormatividade compulsória. Aos doze anos, foi obrigada pelo pai a se casar com um amigo com o qual trocou algumas palavras, enquanto desviava de seu caminho diário para buscar água para a família na favela onde moravam. Teve filhos a partir dos 13 anos e se viu repetindo a sina de tantas outras mulheres, escravizadas ao lar e aos trabalhos domésticos. Apesar disso não desistiu de seu sonho. Impulsionada pelo desejo de cantar e pela necessidade de cuidar de um dos filhos que estava doente, vestiu a melhor roupa que tinha, e se inscreveu em um show de talentos bastante famoso na época. Ao entrar no palco foi interpelada pelo apresentador, que perguntou irônico de qual planeta ela havia surgido. Com a força de quem já apanhara muito da vida, ela respondeu segura: “Do planeta fome”. E cantou. A platéia e o apresentador engoliram seco e emocionado, como dono da verdade que acreditava ser e atropelado pela força daquela mulher, ele proclamou que todos presenciavam o nascimento de uma estrela. Elza perdeu dois filhos e o marido, ainda na adolescência. Mais tarde se casou com o jogador de futebol Garrincha, que abandonara a esposa para ficar com ela. Por este motivo, Elza foi

alvo de duros ataques públicos e de amigos, que não admitiam o fato de ela ter “destruído um lar”. O alcoolismo do então marido envolveu em um acidente a família, e a mãe de Elza morreu nesse episódio. Mais tarde Elza se separa de Garrincha. Pouco depois ele morre e Elza sofre com a dor da perda do ex-companheiro. Perde mais dois filhos. E ainda canta. Mulher resistência. Fruto das mazelas construídas pelo sistema patriarcal canta em seu mais recente disco sobre ser a mulher do fim deste mundo, que nos condena a sentir tantas dores.

“A multidão avança como um vendaval” (SOARES, 2015) e a joga numa avenida que ela não sabe qual é. Assim somxs todxs, conseqüência da socialização que é interação com xs outrxs e subversão dela. Diaz lindamente escreve, dialogando com Butler, sobre como é necessário para a subversão da norma, se reconhecer fruto das opressões e “colocar em risco o eu” e sobre reconhecer a vulnerabilidade que isso traz para xs sujeitxs (BUTLER, 2009):

Este modo da vulnerabilidade é reivindicado por Butler. É uma vulnerabilidade que provém de nossa sociabilidade e relacionalidade constitutivas e que tolera que o encontro com a outra pessoa nos transforme irremediavelmente. Desse modo, o sujeito está impossibilitado de permanecer dentro de si. Essa postura em risco do eu é uma forma de virtude. Reconhecer a própria cegueira, essa que provém do desconhecimento insuperável das condições relacionais concretas de nossa emergência como sujeitos, outorga capacidade para o reconhecimento das outras pessoas, igualmente obscuras para si mesmas. Se admito que eu não posso me manter na posição de ser igual a mim mesma em todo momento, poderia deixar de exigir identidade rígida às outras pessoas. Isso resiste à violência ética que reclama a identidade e mesmidade de cada sujeito consigo mesmo.. (DIAZ, 2013, p. 461)

Reconhecendo-se levada pela multidão, ela proclama que seu choro é carnaval, e na festa da carne ela deixa a dor, a voz, a pele preta, a fama, a sua opinião, a sua casa e a sua solidão. Salta do alto do terceiro andar e quebra a cara. E se livra do resto dessa vida que lhe foi designada. Mulher preta, subversiva, que reconhece e nega a sua condição e que deseja cantar até o fim. “[...] se o corpo não é uma *coisa*, é uma situação: é a nossa tomada de posse do mundo e o esboço de nossos projetos” (BEAUVOIR, 1949, p. 54). Identificar-se fruto dos conflitos de poder, entender que carregamos dentro de nós a semente e o veneno que compõem e podem liquidar as nossas opressões. Há “uma impossibilidade de distinção entre o outro e o eu no coração da minha identidade” (BUTLER, 2009, p.107).

Sendo assim, Butler (2009) propõe que nosso dever ético repousa em reconhecer nossas contradições, as expor e transcender. Identidades não são estáveis como nos querem convencer, e como tentamos muitas vezes nos convencer através da reiteração da heteronormatividade compulsória, tão arraigada em nossos sentidos. Lembrando as palavras de Lou Salomé (1985), quando escreve a seu preceptor dizendo que não desejava se fixar a

nenhum objetivo, se isso lhe privasse do que há mais precioso e difícil de se obter na terra, a liberdade, devemos nos reconhecer em freqüente estado de transição.

Empresto as palavras de Viríginia Woolf presentes na introdução de seu ensaio “Um teto todo seu” (WOOLF, 1928), quando explana sobre a dificuldade que encontrou em falar sobre o tema “as mulheres e a ficção”:

De qualquer modo, quando um tema é altamente controvertido — e assim é qualquer questão sobre o sexo —, não se pode pretender dizer a verdade. Pode-se apenas mostrar como se chegou a qualquer opinião que de fato se tenha. Pode-se apenas dar à platéia a oportunidade de tirar as próprias conclusões, enquanto observa as limitações, os preconceitos e as idiossincrasias do orador. (WOOLF, 1928, p. 8)

Assim pretendo encerrar este trabalho, fruto das minhas contradições e lutas internas e externas. Expondo contradições. Reconheço em minha caminhada a presença das limitações e belezas vividas por cada uma das mulheres que citei aqui. Agradeço a cada uma delas por dividir comigo e com tantas outras suas vivências e por me ajudarem a entender, significar e ressignificar minhas privações e criar. Espero com este trabalho ajudar a divulgar pensamentos tão sinceros e profundos, que me auxiliaram tão intensamente em meu constante fluxo de desconstrução e construção identitária. Olho para meus dias passados e reconheço o valor de cada angústia e confusão que passou pelo meu caminho. Agradeço a chance de poder tentar reivindicar minha fala para auxiliar que no futuro tanto as minhas quanto as dificuldades das outras mulheres possam ser amenizadas. Ao olhar para o processo de realização destes estudos e ao concluir este trabalho, percebo a validade, a grandeza e o peso que trazem o “colocar-se em risco” proposto diretamente por Butler (2009), por Beauvoir e suas palavras que nos inspiram a transcender. Por Deh Mussuline que grita frases que ecoam lindamente nossas dores e desejos. Pelos potentes monstros subversivos Karina Buhr, a bandida Mc Mayara e a intensa Camille Claudel. Pela visão poética e profética de Salomé que enxergou que o que nos mata pode ser transformado em inofensivos traços de giz, se tivermos coragem e acesso a um repertório de ideias que nos libertem. E pela apocalíptica e maravilhosa Elza Soares, que nos faz entender que, cada uma de nós, traz dentro de si a força que vai acabar com este mundo que tenta acabar conosco. Quando me distanciar destas letras e da contribuição destrutivamente construtiva que trouxeram para a minha história, serei outra, a caminho de um cume mais alto, que hoje eu tenho coragem de perseguir. As dores do reconhecimento das limitações, da desconstrução, que me trouxeram lindos destinos de amora (SALOME, 1985), me farão olhar para cada dia como uma benção, como a possibilidade de destruir, criar e recriar. De estar viva e pulsar. Que possamos todas ler nossos poemas até o fim.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Millet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Título original: Le deuxième sexe.

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BUHR, Karina. Eu sou um monstro. In: BUHR, Karina. **Selvática**. São Paulo. Faixa 2 (4min16s).

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Título original: Gender Trouble – Feminism and the Subversion of Identity.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte, 2000. p. 151-165.

DÍAZ, Elvira Burgos. Desconstrução e subversão: Judith Butler. Tradução de Magda Guadalupe dos Santos e Bárbara Bastos. **Sapere Aude**. Belo Horizonte, v.4, n.7, p.441-464, 2013.

FRAISSE, Geneviève. Da destinação ao destino. História filosófica da diferença entre os sexos. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. PORTO: Edições Afrontamento, 1991. Vol. 4: O Século XIX. p. 59 - 95.

FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. A produção das mulheres, imaginárias e reais. Introdução. In: **História das Mulheres no Ocidente**. PORTO: Edições Afrontamento, 1991. Vol. 4: O Século XIX. p. 138 - 143.

FRÓES, Rômulo; COUTINHO, Alice. Mulher do fim do mundo. In: SOARES, Elza. **Mulher do fim do mundo**. Rio de Janeiro. Faixa 1 (5min59s).

HIGONNET, Anne. Mulheres e imagens, Aparências, lazer, subsistência. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. PORTO: Edições Afrontamento, 1991. Vol. 4: O Século XIX. p. 296 – 323.

HIGONNET, Anne. Mulheres e imagens. Representações. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. PORTO: Edições Afrontamento, 1991. Vol. 4: O Século XIX. p. 324 - 343.

MAYARA, Mc. **Ai como eu to bandida II**. 2014. Disponível em <http://www.youtube.com.br/watch?v=3FcoUHVDRqY>. > Último acesso em 31 de Jan de 2016

MÉLLO, Ricardo Pimentel. Corpos, Heteronormatividade e Performances Híbridas. **Psicologia & Saúde**. 24(1), 197-207.

MICHAUD, Stéphane. Idolatrias: representações artísticas e literárias. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. PORTO: Edições Afrontamento, 1991. Vol. 4: O Século XIX. p. 144 - 169.

MUSSULINI, Deh. Pecado de ser. In: MUSSULINI, Deh. **Varanda Aberta**. Belo Horizonte. Faixa 5 (4min34s).

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Tradução de Carlos Guilherme do Valle. Tradução a partir do original: RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. In: GELP, Barbara C. & GELP, Albert (editores). *Adrienne Rich's Poetry and Prose*. New York/London: W.W. Norton & Company, 1993.

SALOMÉ, Lou Andreas. **Minha Vida**. Tradução de Nicolino Simone Neto e Valter Fernandes. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. Título original: Lebensrückblick.

SILVA, Camila Fernandes da. **O corpo feminino**: Um olhar sobre a produção das artistas e a arte contemporânea. Criciúma, 2014. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado de Artes Visuais. UNESC.

SOUZA, Érica Renata de. **Gênero e homossexualidade no romance *The Well of Loneliness*, de Radclyffe Hall**. 2001. Trabalho apresentado no *III Encontro de Pesquisadores Universitários "Cultura e Homoerotismo" - Os Estudos Gays e Lésbicos: os movimentos sociais, as políticas públicas e a universidade*, realizado na UFF, Niterói (RJ), de 11 a 13 de junho de 2001, na mesa-redonda O cânone literário e o homoerotismo.

WOOLF, Virginia. **O quarto de Jacob**. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Novo Século, 2008. Título original: Jacob's room.

_____. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, 1928. Título original: A room of one's own.